

Ano 5 • nº 54 • 2007 • [www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola](http://www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola)

# NÓS DA ESCOLA

RIO

**PREFEITURA**

*EDUCAÇÃO MULTIRIO*

## A revolução do hipertexto

ISSN 1676-5141



9 771676 514009 00054

**Cesar Maia**

Prefeito

**Sonia Mograbi**

Secretária Municipal de Educação

**Regina de Assis**

Presidente da MULTIRIO

**Marcos Ozorio**

Diretor de Mídia e Educação

**Maria Inês Delorme**

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

**Marcelo Salerno**

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

**Katia Chalita**

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

**Élida Vaz**

Assessora de Comunicação e Ouvidora

**CONSELHO EDITORIAL**

**Élida Vaz** (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvia Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária/SME)

**CONSELHO DE COLABORADORES**

**Cláudia Reis** (4ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Cristina Salvadora Ferreira** (5ª CRE) • **Guilherme F. De A. Degou** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Joelma de Souza Vieira** (8ª CRE) • **Leticia Carvalho Monteiro** (6ª CRE) • **Marcia Elizabeth N. M. Vicent** (7ª CRE) • **Maria Alice Oliveira da Silva** (DGED/SME) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Marize Peixoto** (1ª CRE) • **Norma Suely B. de Santana** (10ª CRE) • **Rosilene Adriano Mattos** (2ª CRE) • **Solange Maria Campos** (3ª CRE)

**EQUIPE DE PRODUÇÃO**

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos e Joanna Miranda** •

GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira** •

**Renata Petrocelli** (editora) • **Fábio Aranha, Carolina Bessa e Bete Nogueira** (reportagem) •

**César Garcia** (copesque e revisão)

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação),

**Adriana Simeone, Aline Carneiro, David Macedo e Gustavo Cadar** (designers) •

**Vivian Ribeiro** (produção gráfica)

**Alberto Jacob Filho** (fotografia)

**Impressão: Cidade América Artes Gráfica**

**Tiragem: 36.500 exemplares**



EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.  
Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210  
www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br  
Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212



Desenho dos alunos Amanda Pontes Pinho, 15 anos, Camila França Amâncio, 14 anos, Jéssica Jesuina dos Santos, 16 anos, Martha Aimée 14 anos, Priscila do Nascimento Costa da Silveira, 15 anos, Turma 1901 Escola Municipal José de Alencar 2ª CRE, Laranjeiras

**Capa:**  
David Macedo



## Correção

Apesar de ter tido o cuidado de revisar pessoalmente o texto “Propondo jogos não-competitivos”, publicado na seção *Rede fala*, de NÓS DA ESCOLA nº 52, e de tê-lo repassado a outros colegas para revisarem-no também, acabou passando um erro na construção do último parágrafo. O correto seria: “A reflexão desses grupos contemplaria um terceiro, também significativo em nossa Rede: os professores que já compartilham de nossa proposta, mas que não encontram oportunidade para todos os seus alunos nos Jogos Estudantis”.

### Marcos Miranda

E. M. Professor Augusto Cony, Taquara, 7ª CRE

## Semana da Pátria

Gostaria de compartilhar com os leitores de NÓS DA ESCOLA o projeto desenvolvido durante a Semana da Pátria com a turma El 23 da Escola Municipal Professor Coqueiro. A turminha conheceu as cores da nossa bandeira e suas diversas formas e pôde desfrutar do prazer de realizar um trabalho manual muito rico para o desenvolvimento de sua coordenação motora fina. As crianças confeccionaram uma bandeira em forma de tapete, com papel crepom, trabalhando também a coletividade, a ajuda mútua e o respeito ao próximo. Foi muito bom para cada um de nós.

### Vívian Padrão Valiante Sestari

E. M. Professor Coqueiro, Santa Cruz, 10ª CRE



## Produção de alunos

NÓS DA ESCOLA registra o recebimento dos selos produzidos pelos alunos da Escola Municipal República Argentina, de Vila Isabel, 2ª CRE, entre as atividades do

projeto “Pan 2007”. Recebemos também o projeto “Viva o Pan-americano”, desenvolvido pela Escola Municipal Francisco Cabrita, da Tijuca, 2ª CRE. NÓS DA ESCOLA agradece às duas escolas.

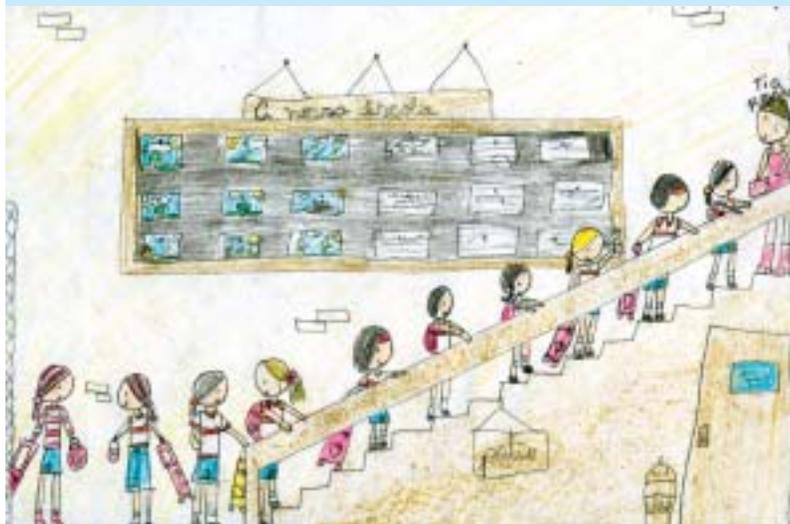
## À escola com carinho

A aluna Evelyn Barbosa Albuquerque está cursando o período final do 1º ciclo em nossa escola e fez espontaneamente uma série de desenhos como forma de homenageá-la. Para retribuir esta

dedicação, resolvemos enviá-lhes os desenhos para possível publicação.

### Roseni dos Santos Freitas

Diretora da E. M. Frei Vicente do Salvador, Padre Miguel, 8ª CRE



## ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para [multirio\\_dpúb@rio.rj.gov.br](mailto:multirio_dpúb@rio.rj.gov.br)

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso site: [www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)

# A TV como tema transversal

A televisão é parceira ou inimiga da educação? Depende de quem a faz – e do telespectador. Afinal, também é responsabilidade do público avaliar, criticar e recusar os eventuais lixos eletrônicos que todos os dias insistem em entrar nas nossas casas, e procurar novas alternativas via controle remoto. Cada vez mais há pesquisadores e educadores preocupados com a influência que as produções exercem especialmente sobre as crianças e adolescentes, e os apelos da programação por conta da busca desenfreada pela audiência. Quem analisa os programas de TV, como o sociólogo e jornalista Laurindo Lalo Leal Filho, está sempre atento às formas e mensagens que podem levar uma boa idéia adiante para a formação do público ou, infelizmente, prestar um desserviço à sociedade. Professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e da pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero, Laurindo acredita que o papel do educador é estudar, analisar e debater o papel da televisão, sempre. E dá o exemplo: às voltas com diversas atividades com esse mesmo fim, ele integra o grupo de acompanhamento da programação de TV da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados e apresenta o *Ver-TV*, programa de análise da televisão brasileira (TV Câmara). Em seu último livro, *A TV sob controle* (Summus Editorial), Leal faz uma compilação de textos publicados entre 1999 e 2005 sobre o assunto. Ele já se havia debruçado sobre o tema em outras publicações, como *A melhor TV do mundo – o modelo britânico de televisão*, onde analisa o sucesso da BBC de Londres, que se mantém como referência de produção de qualidade em TV e rádio, e o controle público que existe até em canais comerciais nas ilhas britânicas. Por isso, na sua emissora ideal, ingredientes indispensáveis seriam um telejornalismo com notícias contextualizadas, num ritmo que o público tivesse tempo de refletir, e programas para crianças que juntassem entretenimento e educação. Isso, de preferência, sob a supervisão de um órgão regulador eficiente, como existe em países como França, Alemanha, Suécia, Canadá e no Reino Unido. Laurindo Leal foi um dos convidados do 1º Colóquio Mídia e Agenda Social, evento que aconteceu em outubro, paralelamente ao 3º Encontro Internacional Rio Mídia, da MULTIRIO.

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTOS

DIVULGAÇÃO/SUMMUS EDITORIAL

Há quanto tempo o senhor faz análise crítica da TV brasileira? De lá para cá, o que melhorou e o que piorou?

Faço isso há muito tempo. Acredito que desde que comecei como profissional de rádio e de televisão – lá nos anos 1960 – sempre estabeleci algum tipo de crítica ao que era produzido. No entanto, de forma mais sistemática, posso dizer que realizo esse tipo de trabalho desde a década de 1970, quando passei a trabalhar também em universidades. Posso dizer que de lá para cá a televisão evoluiu tecnicamente, alcançando uma qualidade que não fica nada a dever às grandes redes de todo o mundo. No entanto, quanto ao conteúdo, o mesmo não ocorreu. Pelo contrário: a imposição cada vez maior do mercado sobre a televisão, medida pelos índices de audiência, fez com que a qualidade caísse muito. A necessidade de uma resposta imediata do público inibe a produção de programas com novas linguagens e conteúdos diversos dos apresentados hoje.

É válida a teoria de que, com a chegada da TV por assinatura, os canais abertos abriram ainda mais espaço para os programas de baixa qualidade?

Não há estudos que provem isso. Acredito que essa não é a principal razão da queda de qualidade, mesmo porque a televisão por assinatura atinge um público ainda muito restrito: menos de 10% da população brasileira. Uma razão talvez mais concreta seja a luta desenfreada pela audiência, cada vez mais intensa.

A TV pública, que está estabelecida há anos, de alguma forma tem cumprido o seu papel como produtora e exibidora de conteúdo educativo?

Infelizmente não, com algumas exceções. Na verdade, não podemos dizer que exista TV pública no Brasil. Na maior parte dos casos, são emissoras estatais submetidas aos humores dos governos que as controlam. Até há uma exceção importante, a TV Cultura de São Paulo, que teoricamente seria independente do governo paulista, mas está cada vez mais submetida a ele. De pública ela tem pouco. É cada vez mais estatal e, recentemente, comercial, com a venda de publicidade em sua programação.



O senhor foi chamado para ser conselheiro da emissora pública (TV Brasil) que o governo federal está criando?

Não, eu apenas colaborei na formulação do projeto da TV Brasil como integrante do Grupo Executivo formado pelo ministro Franklin Martins.

No prefácio de *A TV sob controle*, o senhor fala que na redemocratização confundiu-se liberdade de imprensa com liberdade de empresas. Os brasileiros ainda estranham quando alguém se dispõe a falar da qualidade dos programas? Em outras partes do mundo, esta função é vista de forma mais positiva?

Televisão é concessão pública. São privilegiados aqueles poucos que podem se utilizar do espectro eletromagnético, um patrimônio de toda a sociedade. Portanto, todos têm o direito de exigir um uso adequado, segundo os seus interesses, desse espaço. Para isso são necessários organismos que representem o público e exerçam essa função reguladora, como ocorre em países com democracias consolidadas.

Qual é a parte de cada um neste cenário cheio de programas abaixo da média: governo, anunciantes e população?

Em relação ao governo, e a todos os governos, sente-se uma grande dificuldade em enfrentar a questão da radiodifusão de uma forma mais duradoura. Há muitos anos espera-se por ►

uma legislação moderna para o setor, que dê conta das transformações tecnológicas, políticas e sociais das últimas décadas. Mas os governos temem a reação dos radiodifusores e relutam em propor as transformações jurídicas, que são cada vez mais urgentes. Quanto aos anunciantes, falta uma conscientização maior sobre as suas responsabilidades. Só mais recentemente, com a campanha “Quem financia a baixaria é contra a cidadania”, é que alguns anunciantes passaram a se preocupar com o problema e deixaram de patrocinar programas que claramente violavam os direitos humanos. Mais ainda são poucos os que fazem isso. À população cabe pressionar governos, anunciantes e emissoras para que tenhamos uma televisão que contribua para a elevação dos padrões de civilidade e não faça o contrário, como ocorre hoje.

**O governo está de mãos atadas, ou com as leis que existem hoje seria possível cobrar mais das emissoras?**

É possível, a partir da própria Constituição. Ela diz, por exemplo, que a produção e a programação das emissoras de rádio e de televisão atenderão preferencialmente “a finalidades, artísticas, educativas, culturais e informativas”. Sabemos que poucas emissoras seguem isso à risca. E mais, a Constituição diz também que o rádio e a TV devem respeitar os “valores éticos e sociais da pessoa e da família”. E que os meios de comunicação não podem, “diretamente ou indiretamente, ser objeto de monopólio”. Sabemos que nada disso é cumprido. Portanto, o governo não está de mãos atadas.

**E qual o papel dos educadores?**

Estudar, analisar e debater o papel da televisão. É preciso fazer o que alguns países da Europa fazem há muito tempo: alfabetizar para a mídia. Ou seja, fazer com que crianças e adolescentes entendam como funcionam os meios de comunicação, seu papel na sociedade, seus interesses, suas relações com o poder. Cabe à escola auxiliar na formação de novas gerações de telespectadores mais críticos e exigentes. É fundamental que a TV esteja cada vez mais presente na sala de aula, não apenas como acessório auxiliar do professor, mas como objeto de análise.

**Segundo dados da campanha “Quem financia a baixaria é contra a cidadania”, liderando o ranking dos piores programas estão as novelas, campeãs de reclamações por motivos como a incitação à erotização infantil. O fato de termos uma forte produção de novelas acaba sendo negativo?**

Sob o ponto de vista da formação de crianças e jovens, sim. Não apenas a erotização precoce, mas a violência indiscriminada e gratuita são fatores de grande perversidade, explorados sem nenhum cuidado pelas novelas.

**O senhor acha válida a inserção de mensagens de cidadania, ecologia etc. em diálogos de novelas? Não seria uma incoerência passar esse tipo de recado e colocar cenas de violência e sexo em horários inapropriados, além da inserção de merchandising?**

O chamado “merchandising social” é simplesmente uma tentativa das emissoras de criarem um alibi para se defenderem das críticas que recebem por suas ações deletérias.

**É comum no Brasil as pessoas copiarem o que há de pior no exterior. O que se poderia copiar de bom, pelo bem dos telespectadores, especialmente os mais jovens?**

As formas de regulação da TV que existem tanto na Europa como nos Estados Unidos. A televisão brasileira copiou a norte-americana apenas no que diz respeito ao que ela tem de pior: a disputa comercial por audiência. Vamos ao que ela tem de bom: um órgão regulador como a Comissão Federal de Comunicação [FCC na sigla em inglês], nós deixamos de lado. Nós nunca pensamos em trazer para cá experiências de países como o Reino Unido, França, Alemanha, Suécia, Canadá, por exemplo, onde existem órgãos reguladores fortes e atuantes, funcionando como importantes canais de relacionamento entre a sociedade e as empresas concessionárias de canais de televisão.

**Qual a sua expectativa com relação à TV digital (que estreou oficialmente este mês, em São Paulo)?**



Já foi maior. Independentemente de como venha a ser usado o padrão japonês adotado pelo Brasil, a pressão brutal exercida pelas emissoras – e particularmente pela Rede Globo – sobre o governo é um indício forte de que nada mudará. Teremos imagens mais nítidas mostrando o mesmo conteúdo de hoje. A minha esperança – que, infelizmente, vai diminuindo – é que a televisão digital contribua para aumentar a diversidade de ofertas televisivas no Brasil. A nova tecnologia permite isso, mas quem não permite são os atuais concessionários.

*Se o senhor criasse uma emissora, que tipo de programa não faltaria em sua grade?*

Um telejornalismo com pautas totalmente diversas das que conhecemos, com notícias contextualizadas, num ritmo atraente, mas não frenético. E uma programação infantil capaz de entreter e educar simultaneamente.

*Como está a percepção dos seus alunos na Universidade sobre essa questão de responsabilidade da TV?*

É cada vez maior. Pela primeira vez percebo uma atenção muito grande dos alunos em relação às concessões dos canais de TV. Eles estão bem mobilizados, acompanhando atentamente o processo de renovação das concessões das principais emissoras de TV, vencidas no dia 5 de outubro.

*Quando o seu programa estava completando um ano, o senhor disse que até aquele momento não havia nenhum tipo de pressão e que os telespectadores só enviavam mensagens favoráveis. Continua assim?*

Continua. Temos tratado de problemas delicados que envolvem grandes interesses, como é o caso das concessões dos canais de TV, e continuamos tendo toda a liberdade para debatê-los. O programa fará dois anos em fevereiro.

*O senhor gostaria de acrescentar algo, especialmente para os educadores que lêem a nossa revista?*

Que coloquem a TV como tema transversal em seus cursos. Há muito o que explorar. ■

# Índio: famoso e desconhecido

Terra, educação e cultura são as preocupações dos povos indígenas do Brasil do século XXI



Índios da região do Oiapoque em foto da exposição *A presença do invisível*, em cartaz no Museu do Índio

**TEXTO** Das três Américas, o país com maior diversidade cultural na sua porção indígena é o Brasil.

BETE NOGUEIRA

**FOTOS** Depois de tanta devastação ao longo de cinco séculos, hoje são cerca de 200 grupos étnicos – sendo 40 deles isolados –, com cerca de 400 mil pessoas vivendo em terras indígenas, num total de 106 milhões de hectares. A política para a preservação desses povos acompanha o pensamento de cada época. Por isso, a questão indígena passou por várias etapas. “Podemos dizer que a legislação brasileira é bem avançada”, comenta a antropóloga Arilza de Almeida, vice-diretora do Museu do Índio.

LUX VIDAL/ MUSEU DO ÍNDIO

Dois dos pontos primordiais no assunto são a terra, uma conquista permanente: “A população aumentou em determinadas terras indígenas”, esclarece Arilza; e programas de saúde e educação: “Todos os povos têm uma educação bilingüe”, completa. A revitalização cultural e o registro das tradições, como rituais, cantos e mitos para manter a diversidade e garantir o conhecimento às futuras gerações, também estão sempre na pauta. Esse cuidado é essencial porque são sociedades orais. De acordo com a antropóloga, cada vez mais os índios têm consciência de que é preciso estar atento a seus direitos, e estão mais atuantes.

Alguns grupos são sempre mais lembrados, como os povos que vivem no Xingu<sup>1</sup>, parque nacional que já foi considerado um “cartão de visitas” de como é possível manter determinada cultura e ao mesmo tempo promover o manejo

<sup>1</sup>O Parque Indígena do Xingu tem uma área de 27 mil quilômetros quadrados e foi criado em 1961, graças aos esforços dos irmãos Villas Boas. Está situado na porção norte do Mato Grosso, entre o Planalto Central e a Amazônia.

do meio ambiente. Mas hoje, segundo a antropóloga, pode-se dizer que todos são vistos com a mesma importância, respeitando-se as diversidades culturais.

Por isso, alguns costumes, mesmo que em choque com as leis em vigor no país, caso estejam enraizados entre determinado povo, devem ser levados em consideração. Mas é um erro achar que, por serem indígenas, esses povos tenham que viver e fazer exatamente o que faziam na época em que as caravelas portuguesas atracaram aqui. Cada povo teve um processo histórico diferente. No Nordeste, por exemplo, perderam a língua, mas mantêm a identidade. Alguns hábitos mudam, como a forma de vestir, o que não significa que se tenham perdido os laços culturais ou familiares. “A cristalização da cultura não existe, nem dos índios nem de ninguém”, explica Arilza.

**Os pioneiros** – Chamam-se sertanistas aqueles que desbravaram o sertão para explorar de alguma forma o interior do país, seja para conquistar terras e riquezas, como os bandeirantes, seja por objetivos científicos. Alguns sertanistas se destacaram pela questão indígenista, como o marechal Cândido Rondon (1865-1958), que teve uma preocupação integracionista. Rondon fundou o Museu do Índio, no Rio de Janeiro, e o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), órgão que precedeu a Fundação Nacional do Índio (Funai).

Outros que tiveram atuação marcante foram os irmãos Villas Boas – Leonardo, Cláudio e Orlando – que lutaram pela proteção e preservação dos povos indígenas. Os três participaram da Expedição Roncador–Xingu, criada pelo presidente Getúlio Vargas para explorar a região Centro-Oeste. A expedição mapeou diversas aldeias e foi uma experiência que mais tarde deu origem à política de preservação da cultura indígena. Orlando presidiu o Parque do Xingu entre 1961 e 1967 e foi um dos fundadores da Funai. Após a morte de Leonardo, os outros dois irmãos foram indicados duas vezes ao prêmio Nobel da Paz por suas ações nas comunidades indígenas.

**Questão territorial** – Os primeiros movimentos indígenas a favor de seus direitos começaram a tomar força nos anos 1970. Os grupos passaram

a se organizar politicamente, e cresceu o debate em torno da política indígenista, fundamentada no respeito às formas de organização sociocultural dos povos.

A demarcação de terras, além de garantir na prática que os índios têm uma realidade social diferente – situação reconhecida pela Constituição Federal –, é importante para a preservação econômica, ambiental e cultural. A demarcação feita pelo governo federal acontece sempre que uma comunidade indígena possui direitos sobre uma determinada área. A demarcação é registrada em cartórios de registro de imóveis.

Estudos recentes, segundo a Funai, apontam que a população indígena vem crescendo, gerando a necessidade de que as áreas já demarcadas sejam ampliadas. Mais da metade dos povos vive nas regiões Norte e Centro-Oeste. Mas há índios vivendo em todas as regiões brasileiras, em maior ou menor número. As exceções estão no Nordeste, nos estados do Piauí e Rio Grande do Norte. A superfície das cerca de 500 terras indígenas, cujos processos de demarcação estão, no mínimo, na fase “delimitada”, ocupa 12,41% do país. Os territórios são declarados como de ocupação tradicional de determinado grupo indígena somente após estudos antropológicos, sociológicos, etno-históricos, jurídicos, cartográficos e ambientais, além de um levantamento fundiário. Todo o trabalho de demarcação segue as instruções do *Manual de normas técnicas para demarcação de terras indígenas*, da Funai.

Medida estratégica para o Brasil, a defesa dos territórios indígenas é uma forma de preservar um patrimônio biológico e o conhecimento dos índios sobre isto. Os povos da Amazônia conhecem mais de 1.300 plantas com princípios ativos medicinais e pelo menos 90 delas já são utilizadas comercialmente. Cerca

## SAIBA MAIS

### Museu

- Museu do Índio – Rua das Palmeiras, 55 – Botafogo. Tel.: 2286-8899, 2286-2097. Aberto de segunda a sexta, das 9h às 17h30. Sábados, domingos e feriados, das 13h às 17h. RS 3. Domingo, entrada franca. Na lojinha do museu há ainda livros e CDs sobre a cultura indígena.

### Livros

- *A marcha para o Oeste – a epopéia da Expedição Roncador–Xingu*, de Cláudio e Orlando Villas-Boas. Editora Globo
- *Maíra* – um romance dos índios e da Amazônia, de Darcy Ribeiro. Editora Record
- *Histórias de índio e de sertanejos*, de Cláudio Villas-Boas. Editora Kuarup

### Filmes

- *Kuarup*, de Ruy Guerra – 1989
- *O caçador de esmeraldas*, de Oswaldo de Oliveira – 1979
- *Uirá, um índio em busca de Deus*, de Gustavo Dahl – 1973

### Site

- [www.funai.gov.br](http://www.funai.gov.br)





Elementos da natureza inspiram os diversos padrões de pinturas para o corpo

de um quarto dos remédios utilizados hoje nos Estados Unidos tem em suas fórmulas substâncias ativas derivadas de plantas nativas das florestas tropicais.

Em nenhum momento, porém, a idéia é segreguar: são brasileiros que merecem atenção e respeito. A antropóloga Arilza de Almeida alerta para alguns cuidados que o país deve ter para não se criar uma distância entre os brasileiros: “Temos um povo que resistiu 500 anos, por isso, merece respeito. É possível conviver com diferenças, e acredito que as escolas têm muito a conhecer da cultura indígena. Por exemplo, fala-se dos índios, em alguns livros didáticos, com o verbo no passado. Mas o grande legado que eles estão por dar é fazer-nos ver como somos um povo multiétnico”, conclui. ■

## Ser índio

O termo *índio*, adotado até hoje, começou com o equívoco de Colombo de achar que chegara às Índias, em 1492. No Brasil colonial, índio era o termo para qualquer ser nativo, independentemente de etnia ou cultura.

Na Europa, a descoberta das Américas mexeu com a cabeça dos sábios renascentistas: era uma terra e um povo nunca antes mencionados, nem mesmo pela *Bíblia* nem por Aristóteles. E não faltaram teorias a respeito da origem dos índios: ou seriam de uma das tribos perdidas de Israel, ou seriam oriundos de Atlântida, ou da Grécia, China, África...

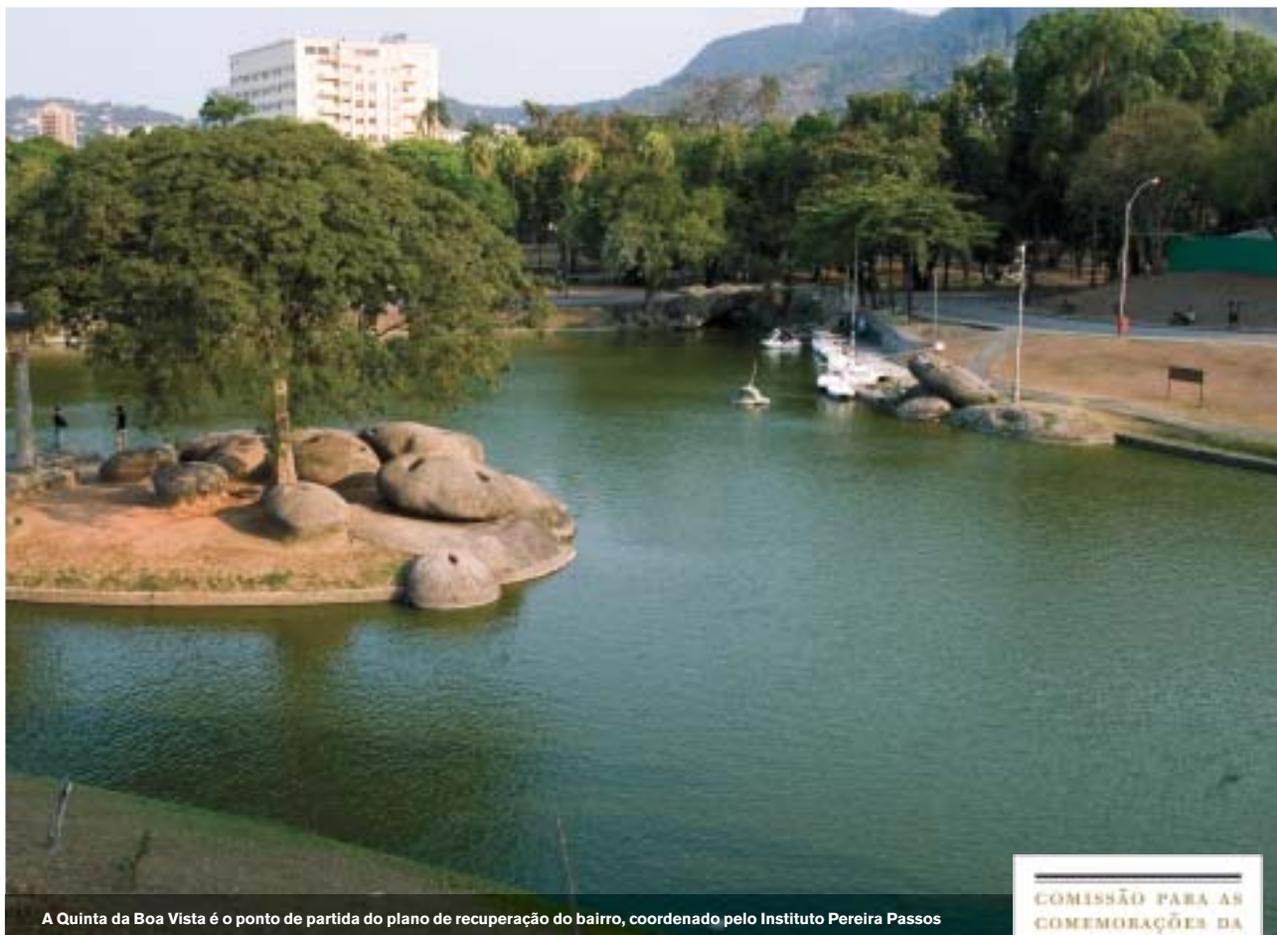
Ainda que fosse sabedoria popular da época que os índios não pronunciavam as letras f, l e r porque não tinham fé, nem lei nem rei, os missionários jesuítas acreditavam que eles eram capazes de abraçar a “verdadeira fé” – apesar do mal-estar diante do canibalismo, da nudez e de práticas religiosas classificadas como feitiçaria. Esse estilo de vida tão diferente gerou três possíveis explicações: o índio seria ou um bárbaro, ou um cristão em potencial, ou teria uma natureza demoníaca. Nos dois primeiros casos, a religião os colocaria “na linha”. A última seria uma justificativa para os colonos os escravizarem. Com o tempo, passou-se a acreditar que o ideal era europeizar os índios, na forma de vestir, de se comportar e até na ocupação de diversos trabalhos, inclusive como seguranças das fronteiras do império.

Em 1757, o projeto civilizacional Diretório dos Índios determinava que os índios seriam livres, mas deveriam seguir a cultura do conquistador. Esse projeto de inserção dos índios durou até o fim do século XVIII, mas os resultados foram um desastre. Fome, epidemias e outros males levaram muitas comunidades a sucumbir antes de alcançarem o estágio de “civilização”.

Fonte: Texto “Índios”, de Ronald Raminelli na obra *Dicionário do Brasil Colonial*. Organização: Ronaldo Vainfas. Editora Objetiva.

# Para recuperar a majestade

O bairro imperial de São Cristóvão é um pedaço concentrado da história do Rio em busca de auto-estima



A Quinta da Boa Vista é o ponto de partida do plano de recuperação do bairro, coordenado pelo Instituto Pereira Passos

Em que lugar da cidade podemos encontrar cinco museus, a antiga moradia da Família Real, uma área verde de 560 metros quadrados, um zoológico, dois times de futebol, a mais antiga escola de ensino fundamental do Rio, uma das escolas de samba mais famosas e obras de grandes arquitetos e artistas espalhadas por seus logradouros? Tudo isso está em São Cristóvão, que a partir de agosto, de acordo com decreto municipal, passou a se chamar Imperial Bairro de São Cristóvão e tem sido objeto de estudo do Instituto Pereira Passos (IPP), que através do Plano de Reabilitação Integrada promete devolver ao antigo bairro da Família Real todo o seu charme e clima aprazível.

O plano começou a partir do tratado de cooperação com a Prefeitura de Paris, em 2004, que passou a enviar missões de especialistas e técnicos para a recuperação do bairro, com base na experiência que tiveram com uma região da capital francesa. A área foi eleita prioritária por causa da sua proximidade com outra, importante para recuperação, a Zona Portuária.

O diretor de Urbanismo do IPP, Antônio Correia, enumera a estrutura do plano de reabilitação, depois de algumas reuniões com órgãos da Prefeitura. Em primeiro lugar, está a questão habitacional; em segundo, a preocupação com o Patrimônio Histórico. Por fim, há a necessidade de levantar as áreas verdes do bairro ►



TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

e adjacências. Correia conta que depois de pesquisar a situação da região, foi identificado um grande potencial imobiliário, confirmando os estudos contidos no PEU (Projeto de Estruturação Urbana). O bairro ficou 30 anos sem a construção de prédios residenciais, e agora o mercado imobiliário começa a oferecer novas moradias na planta, cuja maioria está sendo comprada pelos moradores locais. E, para fomentar novas construções, uma lei municipal permite que os galpões da região (que não são poucos), quando derrubados, poderão ganhar prédios com até mais dois pavimentos.

**Uso residencial** – Recentemente a Prefeitura conseguiu apoio para um projeto de construção na região da Mangueira, que terá 550 unidades

habitacionais, ocupando o terreno de uma antiga fábrica de cerâmica. “Queremos para São Cristóvão um uso preponderantemente residencial”, diz Correia.

Para atingir esse objetivo, que acontecerá a longo prazo, o foco é a Quinta da Boa Vista, por abrigar o palácio onde vivia a Família Real e que hoje é o Museu Nacional, dirigido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). “A Quinta é o elemento articulador do bairro. A idéia é que ela o ‘invada’”, diz o diretor do IPP. Para isso, será preciso alterar o sistema viário, melhorando a circulação interna e desviando o roteiro de alguns coletivos que hoje passam por lá. Além disso, para uma valorização urbana, serão criados “corredores verdes” e uma trama de árvores para fazer a ligação entre pequenas

O palácio onde vivia a Família Real, na Quinta da Boa Vista, hoje abriga o Museu Nacional, dirigido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro



praças, mudando o aspecto pouco convidativo da maioria das áreas públicas.

O acordo de cooperação com os franceses já trouxe à cidade 10 grupos de especialistas em áreas como urbanismo, transporte e habitação. No fim do ano, chegará uma nova missão, e os encontros se estenderão por todo o ano de 2008.

**Melhorias no bairro** – O primeiro projeto a sair do papel deverá ser a construção de um viaduto de mão dupla que ligará a Rua Ceará, na Praça da Bandeira, a São Cristóvão. Esse já foi parte do Caminho Imperial, percorrido por Dom João & Cia., da Praça XV até o palácio, via manguezal, cujo vestígio hoje é o mangue da Leopoldina. A idéia dos urbanistas também é manter construções antigas: “A cidade tem que ter certas referências. Imagens da cidade precisam ter identidade”, comenta Correia.

Outros projetos em vista são a recuperação da Praça Waldemar Costa e Silva, próxima à delegacia, que ganhará bancos e chafariz em ferro fundido, ao estilo da Praça da Cruz Vermelha, e a ligação entre a Rua São Luís Gonzaga e a estação São Cristóvão (trem e metrô), por meio de um pequeno túnel conectando as ruas Sinimbu e Pedreira (por trás do Zoológico). Cada espaço que ganhar um novo uso dos moradores torna-se teoricamente um lugar mais seguro, sensação que temos em lugares de grande circulação de pessoas.

São Cristóvão tem hoje 70 mil moradores e não é procurado como opção de moradia por quem é de outras áreas da cidade. Por isso, no momento, não há demanda de novas escolas. A grande carência é mesmo por lazer, o que outros órgãos da Prefeitura também identificaram e já começam a agir, como a Smac (Secretaria de Meio Ambiente), que utilizará parte do Morro do Telégrafo para a construção do Parque Zoobotânico.

**Palácio Real** – O bairro ganhou o nome do santo através dos jesuítas, que eram donos da sesmaria da região e levantaram a igreja de São Cristóvão. Quando Dom João chegou ao Rio, em 1808, o comerciante português Elias Antônio Lopes ofereceu a sua quinta, com a melhor casa do bairro, para ser a residência da Família Real. Dom Pedro I, quando assumiu

o poder, também ocupou o palácio onde hoje está o Museu Nacional, sendo que dois futuros monarcas lá nasceram: Dom Pedro II e D. Maria da Glória, que ocupou o trono de Portugal como Maria II.

A degradação de São Cristóvão começou após a proclamação da República. O novo governo, preocupado em apagar as impressões deixadas pela monarquia, “esvaziou” o bairro, a começar pela mudança da função do palácio. Na década de 1940, começou a industrialização na região, identificada como “periferia imediata”, o que criava certas facilidades para quem lá se instalava. As famílias mais abastadas foram então se mudando para a Zona Sul. A poluição do ar ao longo dos anos desvalorizou cada vez mais a área. Nos anos 1980, uma lei tentou eliminar o uso industrial da região, e as fábricas acabaram abandonando São Cristóvão, mas nada ficou no seu lugar. O que sobrou foi mesmo a fama de bairro poluído, o que hoje não corresponde à realidade.

**Sangue nobre** – As marcas de um passado de majestade, apesar dos maus-tratos dos anos, podem ser identificadas pelo conjunto arquitetônico e histórico. O Pavilhão de São Cristóvão, que abriga o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, é um projeto de Sérgio Bernardes. Outro arquiteto de peso, Affonso Eduardo Reidy, assinou o projeto do Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, conhecido como Minhocão, próximo do Largo do Pedregulho, onde uma escola municipal, a Edmundo Bittencourt, ostenta painéis em azulejos de Cândido Portinari.

Na região, estão os seguintes museus: Nacional, Primeiro Reinado (Casa da Marquesa de Santos), Conde de Linhares, Mast (Museu de Astronomia e Ciências Afins) e o da Comlurb, no Caju, originalmente Casa de Banhos de Dom João VI.

Glórias do futebol carioca no passado saíram dos gramados do São Cristóvão e, no presente, do Vasco da Gama. O que poucos sabem é que o alvinegro São-Cri Cri, assim como os hoje grandes clubes cariocas, tem um hino assinado por Lamartine Babo. Para fazer dobradinha com o futebol, colado à Quinta está a Escola de Samba Mangueira e sua quadra, batizada de Palácio do Samba. ■

# Informação com criatividade

Portal MULTIRIO organiza conteúdos de forma lúdica, convidando os professores a navegar na rede

**TEXTO** Apresentar os mais diversos conteúdos de forma lúdica, pondo os recursos *web* a serviço da informação, vem sendo a proposta do Portal MULTIRIO, em especial em sua área Nós da Escola. Música, artes plásticas, política, educação, literatura, dança, história, ciência... São muitas as áreas contempladas. Os conteúdos são organizados pensando-se no professor do primeiro e segundo segmentos das escolas municipais do Rio de Janeiro. A ludicidade contida na forma de organizá-los, no entanto, convida o professor a levar esses conteúdos, da forma como estão, aos seus alunos.

ELIANE BARDANACHVILI,  
EDITORA DO PORTAL MULTIRIO

**ILUSTRAÇÃO**  
REPRODUÇÃO DO BARALHO  
BICHOS DO RIO

Para saber se algum conteúdo está organizado de forma interativa, basta usar a busca do Portal MULTIRIO, digitando no espaço apropriado uma palavra ou expressão relativa ao tema a ser pesquisado. E lembre-se – todos os conteúdos interativos estão inseridos em matérias jornalísticas, que trazem ainda mais informações sobre o tema. Dentro de cada matéria, busque o *link* que levará à interatividade.



Confira aqui alguns exemplos e visite sempre o Portal MULTIRIO ([www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)):

- **Aquecimento global** – um esquema animado mostra como ocorre o efeito estufa e a diferença deste fenômeno natural para o aquecimento global.
- **O 13 de maio em questão** – fac-símiles ampliáveis de jornais e documentos da época, que testemunham como ocorreram os embates em torno da extinção da escravidão no século XIX.
- **Tempo na física** – apresentação interativa que convida a discutir a noção de simultaneidade e a refletir sobre o que é o tempo, a partir da Teoria da Relatividade, de Einstein.
- **Bichos do Rio** – jogo de cartas que pode ser baixado para o computador e impresso em papel comum, e que informa sobre a fauna silvestre do Rio de Janeiro.
- **As marcas da fundação** – mapa navegável do Rio de Janeiro, localizando os pontos relacionados à fundação da cidade, que resistem até hoje e podem ser visitados.
- **Navegando pelo mapa das Américas** – mapa navegável com um painel de controle para aproximar e afastar os países e acessar informações sobre cada um deles.
- **A orquestra e seu funcionamento** – reproduz a organização de uma orquestra, podendo-se navegar pelos diversos naipes de instrumentos, ouvindo seus sons e aprendendo sobre cada um.
- **Frevo** – entrando-se na galeria de vídeos desta matéria, é possível aprender a dança, com orientação da Companhia de Dança Carlinhos de Jesus.
- **Presidentes do Brasil** – uma galeria completa reúne em uma linha do tempo todos os presidentes brasileiros, com pequeno histórico e curiosidades sobre suas curtas ou longas gestões.
- **Os poderes da República** – mapa navegável da Praça dos Três Poderes, em Brasília, com imagens e informações sobre cada uma de suas construções e a esfera de atuação das autoridades que elas abrigam. ■

# Inclusão para a melhor idade

Projeto para idosos da Obra Social inaugura casa de convivência no Morro Santa Marta, em Botafogo

O som de vozes e de risadas que já ecoa todo dia nas cinco casas de convivência e lazer para idosos vai ganhar novo endereço. Em outubro, a Obra Social da Cidade inaugura um novo espaço dedicado à auto-estima e à qualidade de vida dos idosos, desta vez no Morro Santa Marta, em Botafogo. Como nos outros espaços, pessoas a partir dos 60 anos poderão participar de cursos em muitas modalidades, valorizando seus conhecimentos, suas memórias afetivas, talentos e habilidades para o convívio em sociedade, e aprender a criar produtos comercializáveis para o aumento da renda individual e familiar.

O projeto começou em 2003, como resposta aos desafios trazidos pelo envelhecimento da população da cidade. Para ser qualitativo, e não apenas quantitativo, o aumento da sobrevida exige serviços específicos, com foco na qualidade de vida e na prática de exercícios físicos. É justamente aí que atuam as casas de convivência, que já contabilizam 390 mil atendimentos. Segundo estudo do Instituto Pereira Passos (IPP), o Rio de Janeiro é a capital de maior proporção de população idosa no Brasil, com cerca de 13% de moradores com 60 ou mais anos de idade no Censo 2000.

Atualmente, o trabalho já evolui no sentido do voluntariado, com freqüentadores mais assíduos a atuar como orientadores e mediadores de palestras, oficinas, visitas e números musicais. Além das casas de convivência, os voluntários também trabalham em instituições que abrigam idosos de baixa renda e participam de eventos como a abertura da campanha nacional de vacinação contra a gripe para idosos, que contou com a apresentação de um coral composto por 100 usuários de quatro casas.

As casas, localizadas em Botafogo, Copacabana, Tijuca e São Conrado (veja os endereços no quadro ao lado) funcionam de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h, com oficinas de consciência corporal, ioga, alongamento, unibiótica, danças, ginástica,

palestras e debates sobre temas da atualidade, filmes, saraus literários, cursos de mímica, artesanato, poesia, teatro, informática e inglês, além de apresentação de serestas e organização de festas de confraternização.

Os idosos chegam tímidos às casas de convivência, com vergonha de sua limitação física. Aos poucos, a alegria os leva a descobrir força e disposição para atividades que muitos deles julgavam esgotadas. Depoimentos dos freqüentadores revelam alterações positivas na vida de cada um deles. Entre os usuários da Casa Lota de Macedo Soares, em Botafogo, a maratonista Adelaide Mendonça Dias Coelho, de 80 anos, é uma atleta completa: pratica natação há 25 anos e corre há 14. Ganhou muitas medalhas e troféus. "A Lota é a minha segunda casa. Todos me incentivam a correr", afirma Adelaide, que recebeu da Obra Social uniformes, tênis especial e mochila para representar o Rio em competição na Itália.

Moradoras de Copacabana e freqüentadoras da Casa Dercy Gonçalves, Cristal De Lamare, de 78 anos, e Eunice Esteves, de 72, destacam mais motivação para sair de casa, conversar com pessoas da mesma faixa de idade e fazer novos grupos de amigas. ■

TEXTO

IVONE BARROS

E EQUIPE OBRA SOCIAL

## Endereços

### • Casa Dercy Gonçalves

Travessa Cristiano Lacorte,  
54, Copacabana

### • Casa Lota de Macedo Soares

Rua Sorocaba, 595, Botafogo

### • Casa Bibi Franklin Leal

Rua General Espírito Santo Cardoso,  
514, Tijuca

### • Casa Naná Sette Câmara

Centro de Cidadania Rinaldo De Lamare,  
Avenida Niemeyer 776/11º andar,  
São Conrado

### • Casa Roberto Correia Lima

Rua São Clemente, 312, Botafogo.

NÓS DA ESCOLA prossegue a publicação do sumário de suas edições a partir da revista n.º 31.

### Revista n.º 31

Ano 3/2005

- **Ponto e contraponto** – A arte de educar pelo olhar. Paulo Herkenhoff (Museu Nacional de Belas-Artes)
- **Zoom** – O mundo 'maravilhoso' da mídia
- **Carioca** – Originalidade premiada no Rio
- **Século XX1** – Troca de experiência na prática
- **Pan 2007** – Investimento na prevenção. [Geo-Rio]
- **Parceria** – Rio dá exemplo de inclusão
- **Professor on line** – Uma questão de gênero. [Rio Mulher]
- **Olho mágico** – Para o outro lado do mundo
- **Caleidoscópio** – Atualização da Multi-educação: leitura e escrita
- **Redefala** – A importância da teoria na prática. Dilma Vianna Guimar (E. M. Júlio Verne)
- **Matéria de capa** – Em busca da mídia de todos, para todos
- **Artigo** – A mídia e as armadilhas da simplificação. Sylvia Moretzsohn (Universidade Federal Fluminense – UFF)
- **Presente do futuro** – Prevenção e luta contra estigmas
- **Atualidade** – Centro produtor de vacinas
- **Pé na estrada #1** – Resgate cultural da Gamboa (E. M. Antônio Raposo Tavares)
- **Pé na estrada #2** – O bom exemplo da leitura (E. M. Tiradentes)
- **Pé na estrada #3** – Brincadeira também é coisa séria (Ciep Patrice Lumumba)
- **Foi assim** – Testemunha ocular da história. Avenida Rio Branco
- **Perfil** – Renovador do ensino no país. Lourenço Filho
- **Cartaz** – Homenagem ao dia do professor
- **Giramundo** – Futebol



### Revista n.º 32 -

Ano 3/ 2005

- **Ponto e contraponto** – A arte que vem da periferia. MV Bill (rapper)
- **Zoom** – Hora de pensar na programação
- **Carioca** – Educação em forma de aventura
- **Século XX1** – O futuro da internet está na construção de inteligência coletiva
- **Parceria** – Não à população e ao esgoto. [Fundação Rio-Águas]
- **Pan 2007** – A educação pelo esporte
- **Professor on line** – 'E-mail' ao alcance de todos
- **Olho mágico** – Um kit de conteúdo e diversão
- **Caleidoscópio** – Atualização da Multi-educação: 1º ciclo de formação
- **Rede fala** – Redação não deve ser uma forma de castigo. Alex Swander (E. M. Fernando de Azevedo)
- **Atualidade** – Dengue: prevenir é essencial
- **Matéria de capa** – Um esforço de classificação e educação. Classificação indicativa e audiência pública
- **Artigo** – Os critérios de qualidade na seleção dos programas infantis. Mônica Rodrigues da Costa (Faculdades Jorge Amado) e Paulo Pedro P. R. da Costa (Apae)
- **Entrevista** – Uma televisão mais responsável e conseqüente. Paulo José Cunha (jornalista)
- **Presente do futuro** – Compromisso fora de hora. Gravidez na adolescência
- **Pé na estrada #1** – Um remédio na dose certa. Classe hospitalar
- **Pé na estrada #2** – Magia, sonho e imaginação nas escolas da Rede (E. M. Pedro Ernesto)
- **Pé na estrada #3** – Viagem pela literatura mundial (E. M. Professor Carneiro Ribeiro)
- **Foi assim** – Fábrica que teceu um bairro. Bangu



- **Perfil** – Pioneirismo que ainda inspira. Helena Antipoff
- **Cartaz** – A televisão que a gente vê...
- **Giramundo** – Classificação indicativa



### Revista nº 33

Ano 3/ 2005

• **Ponto e contraponto** – Com os números a favor. 1ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas. Rodrigo Soares Nunes (aluno da E. M. José do Patrocínio)

- **Zoom** – Dois lados de uma mesma televisão
- **Carioca** – Uma fábrica de carnaval. Cidade do Samba
- **Século XXI** – Tecnologia a serviço de todos
- **Parceria** – Instrumento de cidadania. [Obra Social]
- **Pan 2007** – Integração que vale prêmio. Jogos Inclusivos
- **Professor on line** – Rio já tem manual da praia
- **Olho mágico** – Por trás dos bastidores
- **Caleidoscópico** – Mutieducação: sala de leitura
- **Rede fala** – Diferentes sim, e por que não? Rita de Cássia M. de O. das Neves (E. M. Nair da Fonseca)
- **Atualidade** – Internet, culpada ou inocente?
- **Matéria de capa** – Programação de qualidade, responsabilidade de todos
- **Artigo** – Ministério da Justiça regulamenta classificação indicativa por faixa etária
- **Presente do futuro** – Convivendo com as diferenças. O papel da escola no combate aos preconceitos e à homofobia.
- **Pé na estrada #1** – Infância em movimento. (Ciep Presidente Agostinho Neto)
- **Pé na estrada #2** – Mídia de qualidade na 4ª CRE
- **Pé na estrada #3** – Reinvenção de Shakespeare. (E. M. Leonor Coelho Pereira)
- **Foi assim** – Nossa célebre centenária. Praia de Copacabana
- **Perfil** – “Está com tudo e não ‘tá’ prosa”. Chacrinha

- **Cartaz** – Mídia de qualidade, direito de todos! É o desejo da MULTIRIO para 2006
- **Giramundo** – Educação ambiental para a posse responsável

### Revista nº 34

Ano 3/ 2006

- **Ponto e contraponto** – Em defesa de uma educação musical no Brasil. Roberto Minczuk (maestro)
- **Zoom** – Brincadeira tem hora?
- **Carioca** – Transformação pela arte. Museu Bispo do Rosário
- **Século XXI** – Para (re)animar as escolas
- **Parceria** – Chuva de meteoros. Fundação Planetário
- **Pan 2007** – O êxito como objetivo
- **Professor on line** – Rio de Janeiro em números. Armazém de Dados do Instituto Pereira Passos
- **Olho mágico** – O mundo na tela da sua televisão
- **Caleidoscópico** – Atualização da Multieducação: mídia e educação
- **Rede fala** – Cultura urbana não é folclore. (E. M. Nerval de Gouveia)
- **Atualidade** – Dois países entre duas copas. A Copa do Mundo na Alemanha
- **Matéria de capa** – Do cavalinho-de-pau ao universo das brincadeiras virtuais. Ludicidade e tecnologia
- **Artigo** – Jogo, imagem e tecnologia – possibilidades de ludicidade. Lynn Alves (Unep)
- **Presente do futuro** – “Espelho, espelho meu....” A valorização excessiva do corpo
- **Pé na estrada #1** – Das academias para a escola. (7ª CRE)
- **Pé na estrada #2** – Uma parceria pela educação. Conselho de colaboradores
- **Pé na estrada #3** – Uma experiência enriquecedora. (E. M. Marechal Canrobert Pereira da Costa)
- **Foi assim** – Era apenas para levar água.... Arcos da Lapa
- **Perfil** – Uma história premiada. Gabriela Mistral
- **Cartaz** – Brincar é um direito da criança



- **Giramundo** – Crianças com até seis meses de idade, brincadeiras e brinquedos



**Revista n.º 35**

Ano 3/ 2006

- **Ponto e contraponto** – Responsabilidade da família, do Estado e da sociedade. Cláudia Guimarães (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente)
- **Zoom** – Adulto também brinca
- **Carioca** – Diversão para todas as idades. Teatro de bonecos ou de Guignol
- **Século XXI** – Pensando projetos em rede
- **Parceria** – ‘Verde que te quero ver’. [Secretaria do Meio Ambiente]
- **Pan 2007** – Esporte a serviço da educação. Clubes escolares
- **Professor on line** – Aliado virtual na SME. Intranet SME
- **Olho mágico** – Vinte e quatro horas no ar. Portal da MULTIRIO
- **Caleidoscópico** – SME fixa metas para 2006. Aula inaugural
- **Rede fala** – Gestão participativa: uma conquista. Stelamaris Rosa Cabral (Ciep Dr. Nelson Hungria)
- **Atualidade** – Alerta contra a gripe aviária
- **Matéria de capa** – Os limites e as muitas possibilidades do nosso corpo. Ludicidade e corpo
- **Artigo** – Recrear ou entreter? Fernando Carvalho (Universidade Federal de Juiz de Fora)
- **Presente do futuro** – Infância no meio da tormenta. Trabalho infantil
- **Pé na estrada #1** – Amigo em pano e fantasia (Creche Municipal Jacó Inácio Gomes)
- **Pé na estrada #2** – Paquetá: uma ilha de história (E. M. Joaquim Manoel de Macedo)
- **Pé na estrada #3** – Escola também dá samba. Escola de bamba
- **Foi assim** – A Guanabara de todos nós. Baía da Guanabara
- **Perfil** – ‘A mulher do impossível’. Rose Marie Muraro
- **Cartaz** – Essas mulheres fizeram escola
- **Giramundo** – Crianças de sete meses a três anos, brincadeiras e brinquedos

**Revista n.º 36**

Ano 3/ 2006

- **Ponto e contraponto** – Seis anos: um novo marco na vida escolar da criança. Ana Luiza Smolka (Unicamp)
- **Artigo** – Incluir com êxito. Leny Dadrino [Secretaria Municipal de Educação]
- **Zoom** – Como surgiu a brincadeira?
- **Carioca** – Quando integrar é a meta. Projeto Favela-Bairro
- **Século XXI** – Batuque bom de história
- **Parceria** – Mutirão pela alimentação. Projeto Cozinheiras Comunitárias.
- **Pan 2007** – Destaque para o esporte. Cidade das Crianças
- **Professor on line** – Educação mais em conta. Convênios que proporcionam descontos.
- **Olho mágico** – Novidades na programação da MULTIRIO
- **Caleidoscópico** – Das ruas às telas de cinema. Documentário sobre bate-bolas.
- **Rede fala** – Bom leitor não se faz por acaso, é formado na infância. Nataly Cordeiro de Abreu (E. M. Jorge Zarur)
- **Atualidade** – Biblioteca criada a céu aberto. Movimento Livro Livre
- **Matéria de capa** – Em cada época, uma nova concepção do que é brincar. Ludicidade e história
- **Artigo** – O simbolismo do brincar da criança. Adriana Friedmann (USP)
- **Presente do futuro** – A avaliação que ensina
- **Pé na estrada #1** – Novos horizontes em cena (E. M. Uruguai)
- **Pé na estrada #2** – Pólos incubadores de talentos. Pólos de Educação pelo Trabalho (PETS)
- **Pé na estrada #3** – Exercício de criatividade (Ciep Francisco Cavalcante Pontes de Miranda)
- **Foi assim** – Porta de entrada da cidade. Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro/ Galeão. Antônio Carlos Jobim
- **Perfil** – Patrimônio musical do Brasil. Heitor Villa-Lobos
- **Cartaz** – *Iara – Juro que vi*
- **Giramundo** – Videoteca escolar



# As rodas na descoberta do prazer de ler e escrever

O que é ler senão aprender a pensar na esteira deixada pelo pensamento do outro?

MARILENA CHAUÍ, 1979

O ato de ler possibilita a reflexão e a interação entre quem lê e o que é lido. Ler também é comunicar-se, sobretudo se considerarmos as diferentes formas de linguagem que se manifestam e corroboram a produção de conhecimento na sociedade do século XXI. Apesar das grandes diferenças socioculturais, os indivíduos se apropriam das formas de linguagem para interagir com o mundo e com seus semelhantes.

A leitura e a escrita só são efetivamente tecidas por meio do encontro dialógico entre o sujeito e o texto lido. Esse encontro prescinde da busca do sentido do texto e ocorre a partir do envolvimento do leitor com as práticas sociais de leitura e escrita em seus usos cotidianos, a partir das apropriações das tecnologias necessárias para ler e escrever.

O sujeito alfabetizado no contexto do letramento amplia o uso da língua materna e tem potencializados não só a sua condição de cidadão que vive, se articula e interage numa sociedade letrada, como também, no caso dos jovens e adultos, o acesso e/ou continuidade no mundo do trabalho.

Para abordar o prazer da leitura e da escrita em espaços-tempos escolares, a importância da escola como um dos espaços de formação do leitor – muitas vezes o único – deve ser ressaltada. A descoberta desse prazer requer que o trabalho com diferentes estratégias de leitura considere o real significado do que se lê para os estudantes, valorizando nas/pelas práticas pedagógicas a troca entre a realidade desses sujeitos, suas vivências e os conhecimentos acadêmico-científicos que são produzidos na busca da efetiva aprendizagem.

As rodas são espaços potenciais para que essas trocas e a ampliação de saberes escolares – entendidos aqui pelos conteúdos definidos pela escola para serem ensinados e aprendidos no espaço-tempo escolar – e não-escolares se estabeleçam, haja vista que em uma sociedade multicultural e plural não se podem dissociar ou delimitar os espaços

de aprendizagem. Aprende-se na vida e com a vida. Aprende-se nos muros da escola, mas muito mais para além deles, num verdadeiro processo de interação.

Nessas trocas – espaços de aprender e ensinar – nos formamos e formamos outros leitores e escritores críticos, que dialogam não só entre si, mas também com outros sujeitos e com as informações apresentadas pelo texto, possibilitando que brotem saberes e tessituras. As rodas que são de notícias, literárias, de ciência, constituem espaços de contos e recontos, leituras, investigações, descobertas.

As rodas de notícias são promotoras de amplo debate sobre os fatos do cotidiano local, regional, nacional e mundial. A leitura da notícia levada para a sala de aula permite estimular a reflexão acerca das informações, e atividades se desdobram, confrontando-se uma “nova” informação com conhecimentos ou conceitos já elaborados. As rodas literárias são potenciais motivadoras do contato com o mundo mágico da literatura, proporcionando a troca de impressões e opiniões sobre as histórias lidas ou contadas. As rodas de ciência, por sua vez, permitem (re) conhecer as descobertas científicas e transformar toda essa gama de informações, que muitas vezes chega à sala de aula por meio do texto jornalístico, em aprendizagem significativa.

Valorizar o momento da leitura, compartilhá-la com estudantes, explorar a reescrita são algumas estratégias para uma prática pedagógica que se ocupe *de* e se preocupe com a formação do leitor crítico, independentemente de sua faixa etária. Contar e incentivá-los a recontar histórias potencializa o despertar do prazer de ler, por mais embrionário que este seja, além de representar alguns exemplos de como a leitura, como fonte de construção de saberes e de aprendizagem, pode se manter presente no cotidiano das salas de aula de turmas de alfabetização. E pode-se ler tudo o mais que se encontrar: encartes de supermercado, folhetos, receitas, gráficos e tabelas, imagens. O gosto pela leitura que vai sendo ▶



**Andrea da Paixão Fernandes**

Professora da 1ª CRE/DED.  
Mestra em educação.

tecido e o (re)encontro com a leitura despertam nas crianças, jovens e adultos não só o prazer de ler, de ser e tornar-se escritor, mas também permitem que o conhecimento seja tecido por diferentes saberes que consideram suas complexidades e pluralidades. Assim, ampliam-se as possibilidades de o leitor perceber e interagir com os diferentes gêneros e estilos literários existentes na sociedade contemporânea.

Tais aspectos reafirmam a concepção de que esse trabalho não é tecido individual ou isoladamente. Da formulação de suas hipóteses até a apropriação do sentido dessa leitura pelo leitor e sua compreensão, essa tessitura pressupõe a pesquisa investigativa do que é significativo para o grupo, podendo representar aprendizagem, além da reflexão sobre o que se lê e sobre o que se pretende escrever, constituindo-se como etapas possíveis para a produção textual, seja em grupo ou individualmente.

É importante considerar que não há receita para que a prática de leitura se torne realidade. Contudo, um bom caminho é centrar a prática docente na articulação entre teorias e práticas permeadas pela sensibilidade e perder o medo de ousar, lendo para si e para os seus alunos, e fazendo do contato com a leitura uma ação cotidiana, respeitando e investindo nas especificidades, nas preferências individuais e, também, coletivas.

Imbuída dessa prática, tive, em certa ocasião, numa atividade de avaliação do ano letivo de uma classe de alfabetização acerca das rodas realizadas, o imenso prazer de escutar de uma aluna de sete anos que aprendeu a ler e a escrever. A menina dizia que não sabia ler no início do ano letivo, mas que aprendeu porque a professora sempre lhe dizia que sabia e que precisava, apenas, tentar. Ouso afirmar que ela conseguiu porque perdeu o medo de errar e se permitiu viver a experiência de aprender a ler e a escrever... lendo e escrevendo. ■

Que tal montar ou atualizar a videoteca da sua escola com produtos da **MULTIRIO** premiados no Brasil e no exterior?



**Ligue 2528-8282  
e faça seu pedido.**

\*Para escolher o que deseja, consulte o Catálogo de Produtos disponível na sala de leitura da sua escola ou acesse o nosso portal ([www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)). As cópias em VHS serão entregues diretamente na sua escola.

\*Os produtos adquiridos pela MULTIRIO estão disponíveis para empréstimo nas salas de leitura pólo.

Consulte a relação no portal MULTIRIO.

# ‘Rio, a cidade!’ de ‘cara’ nova

Programa de entrevistas da MULTIRIO comemora o seu sexto aniversário com novos quadros no ar

Uma das marcas registradas da programação de TV da MULTIRIO, o *Rio, a cidade!* completou seis anos no ar, 1.200 apresentações e ficou mais interessante ainda com os seus novos quadros. “É um programa de entrevistas que informa, esclarece e promove debates no ar. Ele presta um tipo de serviço ao qual muitas vezes o cidadão comum não tem acesso e ainda permite que o telespectador converse ao vivo com especialistas que podem esclarecer suas dúvidas. É uma troca muito rica”, resume a âncora e diretora do Núcleo de Televisão (NTV) da MULTIRIO, Kátia Chalita.

Abordando os mais variados temas, o programa abre espaço à divulgação de ações, projetos e programas da SME (Secretaria Municipal de Educação) e da Prefeitura do Rio, mostrando também a contrapartida da iniciativa privada. Além disso, discute assuntos que estão na pauta do dia da MULTIRIO e do Rio Mídia, como, por exemplo, classificação indicativa e mídia e direitos da criança.

Um dos novos quadros do *Rio, a cidade!* é o “A cara do Rio”, que mostra o que há de mais expressivo na Cidade Maravilhosa. Nesse quadro, já foram retratados lugares como a Saara, tradicional centro comercial da cidade; a Feira de São Cristóvão, importante reduto da cultura nordestina; e os parques do Rio. Além disso, não ficaram de lado bairros marcantes como Lapa, Urca e Paquetá. “Mostramos como é o bairro, as pessoas que moram nele, o que tem de tipicamente carioca. Procuramos trazer convidados que moram nesses bairros e que têm uma visão crítica sobre eles”, ressalta Kátia.

O quadro “Conhecendo o Rio” é outra novidade que segue a mesma linha. Através dele, o público pode conhecer lugares que muitas vezes passam despercebidos na correria do dia-a-dia, como centros culturais, riquezas patrimoniais e históricas e espaços de lazer.

**Música, saúde, ciência...** – Outro quadro inaugurado este ano foi o “Talentos da MPB”, em que nomes importantes da MPB falam de

sua arte e de suas carreiras. Músicos do calibre do clarinetista Paulo Morais, o violonista Yamandu Costa e os do Duo Assad já marcaram presença. Ainda no campo da música, o programa criou os quadros “Novos talentos”, “Fusões musicais” e “Parcerias antológicas da MPB”.

O programa homenageou também nomes da literatura brasileira, como Machado de Assis e Lima Barreto, além de abrir espaço para o cinema nacional, recebendo convidados como o maestro Wagner Tiso, que falou sobre trilhas sonoras, e Ângela Patrícia Reiniger, diretora do documentário *Três irmãos de sangue*. Programas especiais sobre os Jogos Pan e Parapan-americanos do Rio e o aniversário de 200 anos da chegada da Família Real ao Brasil também foram destaque.

Sobre saúde, o *Rio, a cidade!* já discutiu temas como obesidade, transtorno bipolar, anorexia e bulimia. “Quando é esse o tema, há uma participação muito intensa de telespectadores de outros municípios como Niterói, Duque de Caxias e Nova Iguaçu”, explica Kátia.

A ciência também vem ganhando destaque, com pautas como aquecimento global. Em outubro, a Semana Nacional de Ciência & Tecnologia mereceu uma semana inteira de programação especial.

Para Kátia o programa cumpre o seu papel de promover educação, cultura e cidadania. “Pelos telefonemas positivos que recebemos, acredito que estamos conseguindo atender às expectativas do nosso público. Na faixa da tarde, há uma carência de programação de qualidade. Nós procuramos proporcionar um conteúdo interessante, informativo e enriquecedor”, frisa. Ela acrescenta que a credibilidade do programa se deve a um conjunto de fatores. “Nós damos destaque ao que interessa ao cidadão, dando uma visão ampla sobre os temas escolhidos. Isso, aliado a uma produção impecável, pautas e convidados interessantes e à originalidade dos temas”, conclui. ■

TEXTO

FÁBIO ARANHA

# Cest – atividades de estudo

Curiosidade, desejo de aprender e troca de experiências dinamizam a constituição de conhecimentos

Quem de nós pode afirmar nunca ter tido dúvidas sobre como pesquisar, resumir, fazer leitura de mapas, legendas, elaborar gráficos ou cartazes?

Com a ampliação do ciclo de formação para todo o ensino fundamental, estimular o hábito de estudo nos alunos é prioridade na rede pública de ensino carioca. Sendo assim, foi criado o Cest (Centro de Estudos do Aluno). Ele beneficia os alunos do período final do 2º ciclo e os do 3º ciclo. São dois tempos de aula semanais destinados à realização de atividades de estudo.

O Cest tem como finalidade desenvolver a autonomia de estudo e ampliar as possibilidades de desenvolvimento, a partir da criação de um espaço específico para que o aluno se aproprie de ferramentas que o auxiliarão na sistematização de seus estudos, pois é na escola que o aluno interage com esse saber.

Várias são as atividades fundamentais para a aprendizagem dos conhecimentos escolares, sendo a leitura a mais importante delas. O trabalho desenvolvido no Cest será essencial ao longo do processo de escolaridade de cada educando. As ações desenvolvidas deverão envolver a observação, o registro, a organização, o relato e a comunicação.



No Cest é fundamental estimular no aluno a curiosidade e o desejo de se apropriar de conhecimentos, bem como propiciar a troca e a socialização de saberes. Ele precisa estar motivado para realizar as atividades acordadas com o professor. Desse modo, considerar o interesse do grupo é essencial para o alcance dos objetivos. As atividades propostas devem estimular a troca e a parceria entre professores e alunos e entre os próprios estudantes.

Qualquer conhecimento, de qualquer disciplina, pode servir como temática a ser abordada. Da mesma forma, os professores de todas as áreas podem ser orientadores do Cest.

Como planejar e desenvolver o trabalho no Cest?

É primordial que ele seja planejado a partir do levantamento dos interesses e das necessidades dos alunos. O coletivo de professores da turma poderá contribuir com o seu conhecimento sobre os alunos na dinamização do trabalho. O professor do Cest discutirá com a turma a proposta a ser desenvolvida. Ela deve ser planejada para um espaço de tempo adequado à sua execução.

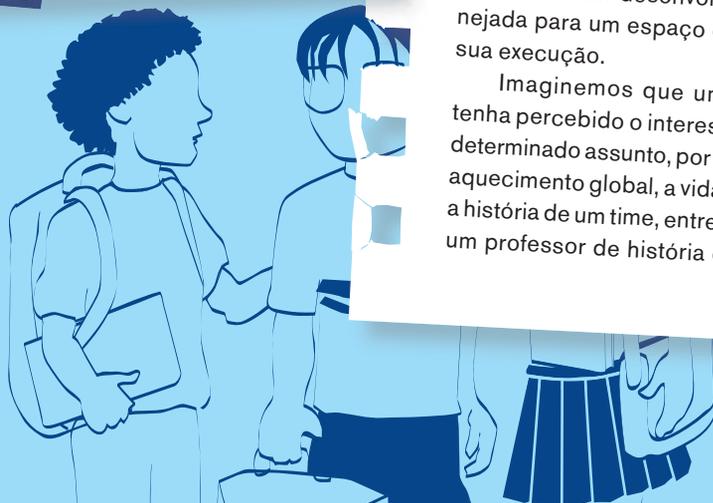
Imaginemos que um professor de Cest tenha percebido o interesse dos alunos por um determinado assunto, por exemplo, sexualidade, aquecimento global, a vida de uma celebridade, a história de um time, entre outros temas, ou que um professor de história ou de ciências tenha

## TEXTO

MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA,  
ASSISTENTE DO E/DGED,  
E LENY DATRINO, DIRETORA DO  
E/DGED

## ARTE

ALINE CARNEIRO



informado que seus alunos querem aprofundar um assunto abordado em sala de aula. O professor do Cest pode propor uma pesquisa para ser realizada a partir de fontes diversas (livros, revistas, vídeos, internet etc.). Ele discutirá com os grupos a forma de localizar as informações necessárias, como selecionar as fontes que melhor respondem as suas dúvidas, como resumir ou fichar os textos escolhidos, como argumentar sobre o tema, identificar os pontos comuns. Deverá levantar as questões que tenham mais interesse a respeito do assunto para buscar as respostas. Em seguida, os alunos poderão criar quadros, sinopses, cartazes, murais ou desenhos para organizar suas idéias e os dados colhidos durante a pesquisa. Poderão expor oralmente as conclusões sobre a pesquisa realizada em forma de seminários ou de outra modalidade de relato (exposição). Os alunos, desse modo, sistematizarão várias informações sobre o tema, ampliarão conhecimentos e, a partir da troca, da mediação de outros colegas e de diferentes instrumentos culturais, constituirão novos conhecimentos e valores. Ao sistematizar, os alunos internalizam os conhecimentos pois os ressignificam, tornando-os próprios.

As ferramentas de estudo de que o aluno se apropriar durante o percurso do trabalho no Cest serão utilizadas em qualquer área de

conhecimento ou em outros momentos de estudo ao longo de toda a sua vida.

No Cest, o professor será o articulador das propostas, mas serão sempre os alunos que interagirão entre si e diretamente com o conhecimento, tomando consciência dele, e formando conceitos. Como diz o professor Paulo Freire, "A finalidade de qualquer ação educativa deve ser a produção de conhecimentos". ■

#### Referência bibliográfica

LIMA, Elvira Souza. "Currículo e desenvolvimento humano". Com base em: *Indagações sobre o currículo*. Brasília, Ministério da Educação e Cultura, nov. 2006.



# Janelas abertas para a escrita



Há 20 anos, poucos poderiam imaginar a revolução que estava prestes a acontecer na comunicação. A chegada da internet mudou radicalmente a forma de o ser humano se relacionar, buscar informação, se entreter, trabalhar. A rede e os avanços tecnológicos que vieram a reboque transformaram também os hábitos de leitura e escrita. As tecnologias digitais quebraram a linearidade do texto, que evoluiu para a hipertextualidade. A organização do hipertexto se dá pela conexão de vários textos, através de *links*, cuja função é estender, complementar a idéia principal. Isso mudou a forma de o ser humano lidar com a informação.

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

ILUSTRAÇÕES

DAVID MACEDO

“Você tem uma relação muito mais multimídia com a informação. As crianças, por exemplo, se habituaram a fazer muito mais coisas ao mesmo tempo. Elas conversam pelo Messenger, navegam em *sítes* na internet, assistem a vários canais de televisão e ao mesmo tempo ouvem música. Isso não é hiperatividade, é hipertextualidade, a capacidade de estabelecer novas formas de pensar, aprender e se comunicar”, explica a educadora e pesquisadora Andrea Ramal.

Uma das mudanças na comunicação decorrentes da criação do hipertexto e das tecnologias digitais é a possibilidade de o leitor interferir concretamente na narrativa. “Com o clique do *mouse*, quem lê também se torna autor, na medida em que invade o texto do outro e constrói o seu próprio percurso de navegação, a sua narrativa. Isso de certa forma também acontece com a escrita, porque ao ler um livro você faz uma série de hipertextos mentais. Mas a tecnologia digital materializa isso”, comenta Andrea.

A opinião é compartilhada por Raquel Cardoso de Castro, professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Ela afirma que o hipertexto oferece uma forma de ordenamento do discurso e da comunicação entre os seres humanos em que texto e contexto se associam por inúmeras referências mútuas e assim se combinam de modo harmonioso, possibilitando a interação autor-leitor em bases nunca imaginadas, constituindo a “quatro mãos” o discurso hipertextual.

“Hoje em dia, o simples acesso a uma página pode abrir inúmeras possibilidades de associação a novas informações referenciadas pela página, tornando disponíveis diferentes caminhos de navegação e de obtenção de informações. A técnica hipertextual representa novas possibilidades comunicacionais. Ou seja, recorrer à tecnologia da informação e comunicação introduz inevitavelmente um conjunto de modificações nas formas e no ato de emitir, transmitir e receber mensagens”, diz Raquel.

**Fluxo rompido** – A possibilidade de ler e escrever em hipertexto constitui a grande revolução digital sob o prisma da leitura e da escrita, pois rompe o fluxo da narrativa. Não há

mais início nem fim. O hipertexto se baseia em fragmentos conectados através de hiperlinks, que ao serem clicados levam a outros textos, que por sua vez podem ser de outros autores e conter idéias diferentes. No fim das contas, o leitor constrói e reconstrói o sentido e o contexto daquilo que lê.

Para os jovens que nasceram na era digital, a *web* é um meio natural de comunicação, que atende a necessidades diversas, como pesquisas escolares, compra de produtos, entretenimento – que inclui baixar músicas e vídeos e a febre dos jogos on-line e de mundos virtuais como o *Second Life* – e a interação social através dos *blogs* e dos *chats*.

“As crianças e jovens que cresceram inseridos nessa linguagem digital são capazes de ter várias janelas do Messenger abertas, de ler um pedaço de uma frase e ressignificar todo o contexto, o que é uma capacidade de leitura e interpretação enorme. É claro que existe o risco também de isso se tornar uma leitura muito superficial. Cria-se a necessidade de fragmentar essa narrativa em múltiplas janelas”, diz Andrea.

O trabalho com hipertexto pode incentivar o aluno a pesquisar e produzir textos. Ao tentar localizar uma informação, os usuários de hipertexto participam ativamente de um processo de busca e construção do conhecimento que segue uma lógica própria, montando-se e remontando-se a cada passo.

Um exemplo do grande potencial do hipertexto é o *blog*, diário virtual que ganhou grande popularidade especialmente entre os jovens. Hoje são mais de 70 milhões na *web*. Um de seus grandes trunfos é a atualização simples, ao alcance de qualquer pessoa com conhecimentos mínimos de operação na internet. Outra característica é sua organização cronológica reversa. Além dos usuários anônimos, o *blog* conquistou também a grande imprensa, sendo incorporado por praticamente todos os jornais on-line. Além disso, o *blog* proporciona interatividade entre leitor e autor – o usuário pode conversar, interagir e deixar recados para o autor e outros visitantes.

Este instrumento também vem encontrando aplicações pedagógicas com bons resultados. Há muitos professores que fazem *blogs* de sua disciplina ou de temas de dis- ▶

## Tecnologia digital muda jornalismo

O avanço das tecnologias digitais trouxe mudanças também para o campo da comunicação. Para o jornalista e professor de comunicação digital da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) Marcelo Träsel, a principal foi a valorização do público. Ele afirma que, até a popularização da internet ocorrer, o fluxo da comunicação social acontecia de cima para baixo. Isto é, a mídia decidia o que as pessoas precisavam ver, sem levar muito em conta a opinião da audiência. A interferência da audiência era indireta e controlada.

Com a internet, interferir na mídia se tornou muito mais simples e imediato. Träsel cita o exemplo do jornal *O Estado de S. Paulo*, que colocou em sua versão on-line um sistema de votação para cada matéria e a possibilidade de publicar comentários. Dessa forma, o leitor pode questionar instantaneamente, sem controle prévio, o que o repórter está dizendo na matéria. “Considero isso uma grande mudança de atitude da mídia em relação ao público, que só é viável tecnicamente na internet. Um movimento em direção a uma maior interação com o público está ocorrendo em todos os tipos de mídia hoje em dia”, explica.

Ele ressalta que a grande revolução da hipermídia é a possibilidade de se vincularem documentos que estão em diferentes “lugares” da internet. Isso permite que, em vez de se fazer um resumo tedioso de um documento de governo ou de uma pesquisa de um órgão governamental, por exemplo, o repórter crie um *link* diretamente para o original. O leitor se aprofunda no assunto que quiser, mas estará informado de que aquele fato existe ao ler a matéria que saiu no jornal on-line.

Na era da convergência de mídias que caracteriza a internet, o som e a imagem adquiriram grande relevância no jornalismo on-line e também como apoio para assuntos mais complexos. As animações em Flash ainda são pouco usadas, mas oferecem grandes possibilidades para o jornalismo. “Algumas coisas só são totalmente compreendidas quando ilustradas ou mostradas, daí a importância da imagem. Por outro lado, o som permite que o leitor ouça as declarações da fonte de uma reportagem diretamente. O repórter pode publicar um breve resumo da entrevista e deixar à disposição um arquivo de áudio com a conversa completa, por exemplo. Isso até contribui para dar credibilidade. Ou então, quando se está fazendo uma resenha de um CD, é possível inserir trechos das músicas para que o leitor avalie as afirmações do jornalista”, comenta Träsel.

**Cobrança do público** – Ele afirma que outra mudança fundamental é que o jornalista agora precisa lidar diretamente com o público e, por isso, é muito mais cobrado pelas informações que publica na internet ou nos meios tradicionais. Dessa forma, seu papel está mudando lentamente, passando a ser cada vez mais a função de um editor, ou seja, aquele que gerencia e harmoniza a informação em vez de ser o indivíduo que corre atrás dela e diz ao leitor como as coisas são.

Com o webjornalismo, o público tem mais possibilidade de interagir com o jornalista. Além disso, os leitores têm acesso aos arquivos do jornal on-line de forma instantânea. As próprias matérias publicadas

cussões que travam com os alunos. Outros fazem um *blog* da turma, o que permite que os alunos comecem a estender o espaço da sala de aula para o mundo virtual. Essas iniciativas transformam a internet em um espaço de aprendizagem, de relação entre diferentes pessoas e culturas. Entretanto, para que isso efetivamente aconteça, é preciso que o educador faça uma intermediação entre o aluno e o conteúdo encontrado na internet. É preciso qualificar a pesquisa, orientando-o criticamente.

**Pontos fortes e fracos** – Para Andrea, existem pontos positivos no advento da narrativa digital para a aprendizagem. Segundo a educadora, o

hipertexto estimula a imaginação, pois o indivíduo tem a curiosidade de saber o que existe em um determinado *link*. Além disso, a proatividade do leitor é estimulada, pois cabe a ele garantir a continuação da narrativa. “Mas também surgem novos desafios para os educadores, como o de manter a concentração das crianças, que exigem cada vez mais interatividade e não se adequam mais a aulas lineares. Há ainda o risco da superficialidade, que acontece com frequência na navegação dos jovens”, comenta.

O *designer* da MULTIRIO e mestrando da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Esdi-Uerj) Edson Rufino de Souza, cuja dissertação de mestrado versa sobre acessibilidade na

nestes jornais trazem *links* para assuntos relacionados, publicados anteriormente pelo veículo. Mesmo as matérias de jornais televisivos e impressos estão disponíveis na *web*.

A partir das mudanças proporcionadas pela tecnologia digital, algumas iniciativas procuram eliminar a fronteira entre a produção e a leitura. Desta forma, surgiu o jornalismo participativo na *web*. Aqui, se os leitores não participarem, a publicação morre. Ele pode acontecer em seções de publicações on-line ou então em veículos dedicados a esse tipo de jornalismo, como é o caso do *Wikinews* ([www.wikinews.org](http://www.wikinews.org)), que usa a mesma tecnologia da *Wikipedia*, a popular enciclopédia colaborativa on-line. Outros são o *VC Repórter*, do portal Terra, e o *Minha Notícia*, do portal iG.

Marcelo Träsel afirma que o jornalismo participativo cumpre a função de cobrir as lacunas deixadas pelo jornalismo tradicional. “Os repórteres de um jornal não podem estar em todos os lugares o tempo todo. É natural que um ou outro acontecimento importante *passa batido*. É aí que o público entra. Caso isso aconteça, alguma testemunha pode enviar para os webjornais participativos um relato. Se for o caso, o repórter pode partir dessa informação para desenvolver uma reportagem mais ampla, entrevistar mais gente. O jornalismo participativo não veio para substituir o tradicional, mas para complementar”, afirma.

**Novas visões de mundo** – Segundo ele, a mídia não faz isso por ideologia, mas porque há um público ávido

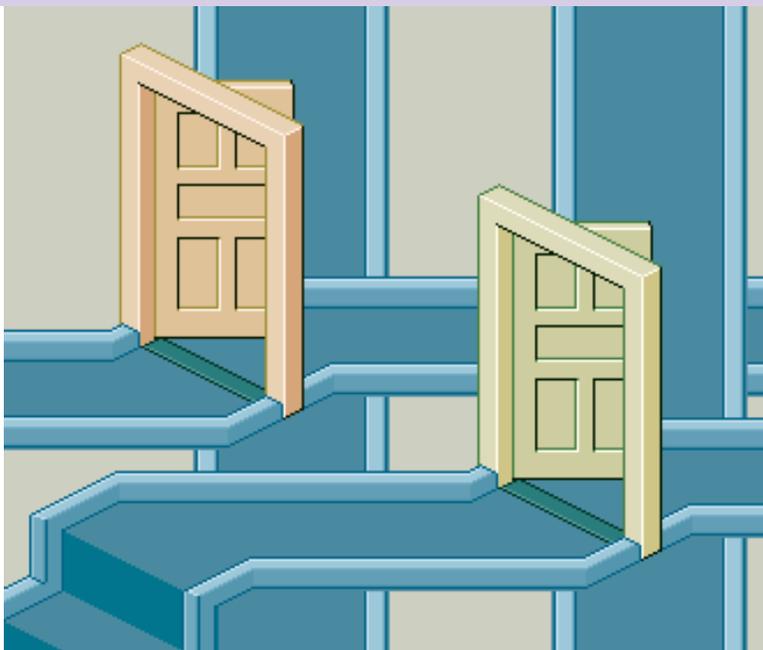
por participar, o que se traduz em rentabilidade. Além disso, lembra, com tantas iniciativas de jornalismo participativo independentes, estava ficando óbvio que muita coisa passa ao largo dos grandes jornais. Ou seja, há também um componente de credibilidade envolvido. O importante, em sua opinião, é que o público está ganhando espaço para se manifestar, o que contribui para a democratização da informação.

“A mídia teve poder demais por muito tempo. Está na hora de dividi-lo. O jornalismo prestou e presta serviços inestimáveis à sociedade, mas faltava uma possibilidade de maior fiscalização. Agora, ela existe. Se um repórter manipula ou esconde alguma informação, a verdade fatalmente surge em algum lugar da *web*. E o jornalista e o veículo para o qual trabalha poderão ser cobrados por isso. Isso é bastante saudável”, opina.

Para Edson Rufino de Souza, da MULTIRIO, que pesquisa acessibilidade na *web*, o caminho da interferência do leitor na informação não tem volta. “A tendência é que isso se acentue. Os espaços para comentários nos *sites* de notícias tendem a crescer cada vez mais. Vai haver cada vez mais *sites* de notícias colaborativos. Assim como a *Wikipedia* foi inicialmente um modelo para a construção de conhecimento, os *sites* de notícias colaborativos vão permitir que as pessoas coloquem sua visão de mundo e o que elas consideraram importante. O usuário está tendo a possibilidade de construir conhecimento e mostrar que ele pode ir além daquilo que é proporcionado pelas instituições”, ressalta.

*web*, também vê pontos positivos e negativos no hipertexto. De positivo ele enxerga um maior acesso à informação. Anteriormente, só era possível acessar uma fonte de informação de cada vez. As pessoas iam a uma biblioteca, pegavam emprestados dois ou três livros e olhavam um de cada vez, página por página. Caso não achassem a informação desejada, eram obrigadas a procurar de novo outros livros. Hoje, isso mudou.

“Com a internet, você pode fazer uma busca no Google, que dá de 10 a 100 resultados na primeira página, além de milhares de outros nas páginas subseqüentes. Você pode abrir cada resultado em uma janela diferente, olhar muito mais rapidamente aquelas ▶



informações e ter uma avaliação muito mais rápida e precisa da relevância delas ou não para o que você está buscando. E mesmo as que não são relevantes podem dar a você um *insight* para buscar novas informações sobre aquele tema. Essa não-linearidade colabora com a busca dos objetivos”, ressalta.

De negativo, ele afirma que o indivíduo corre o risco de perder o foco, já que as pessoas têm muita dificuldade de manter a concentração e operar com vários textos de forma organizada. “Por exemplo, se você está lendo uma matéria em um jornal, você tem o hábito de ler, no mínimo, o primeiro parágrafo, também chamado de lide, ou então a matéria inteira. Com a internet, pode-se perder o hábito de ler até esse primeiro parágrafo. O indivíduo só lê o título, dá uma olhada no que é o *site*, clica num *link*, vai para outro *site* e abre outra janela”, comenta.



Andrea Ramal

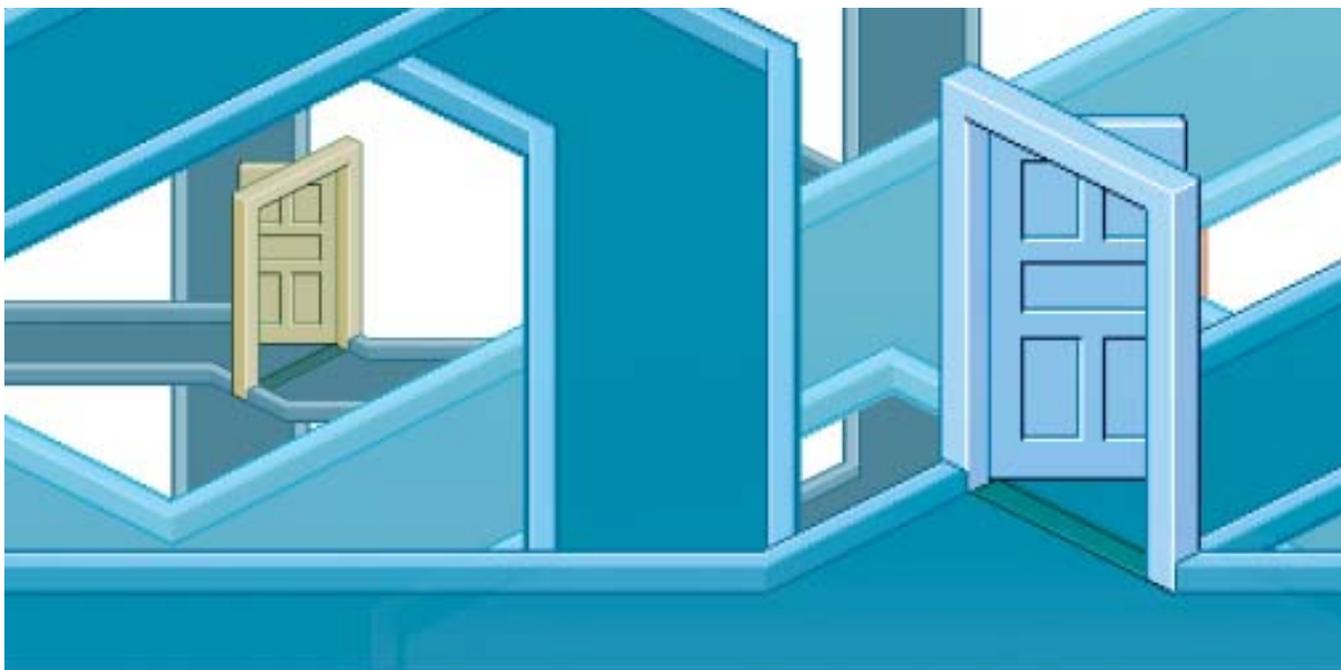
Ele acredita que está havendo um excesso de informação e que cada vez mais há dificuldade para se concluírem tarefas que antes eram simples. Existem mais recursos para conseguir conta delas, mais informação e ferramentas à disposição, mas a quantidade de opções e informação é tamanha que o indivíduo corre o risco de se ver sufocado e travar. “Ou você fica num pula-pula de cliques ou num estado de ansiedade de informação. A consequência é a desinformação. O hipertexto tem esse efeito contrário. De forma positiva, ele permite

que você dê saltos e chegue a informações às quais você não imaginava chegar, mas também permite que você pegue atalhos que vão lhe desviar do seu objetivo, em vez de lhe conduzir a ele. É preciso que as pessoas se policiem muito para que isso acabe não se voltando contra elas”, acrescenta.

**Co-autoria em hipertextos** – Outro exemplo de novas perspectivas representadas pela internet é a Wikipedia, a enciclopédia virtual cujo conteúdo é gerado inteiramente por seus usuários e se tornou um dos recursos mais usados na *web*. Raquel Cardoso de Castro, da UFJF, afirma que o *software* Wiki é um exemplo de como a comunicação mediada por computador vem modificando as formas de leitura e escrita. Ela destaca que o Wiki tem comandos disponíveis para editoração de textos; marcar palavras ou transformá-las em hiperlinks; selecionar passagens de obras, criando uma relação entre esses documentos; marcar trechos inteiros; entre outros. “São decisões que implicam necessariamente operações de leitura, comentário de texto e escrita sobre ele. Ou seja, no hipertratamento de um texto não é mais possível distinguir o que são a leitura e a escrita auxiliadas pelo computador. Leitor e autor tornaram-se uma coisa só na construção hipertextual”, afirma.

Mas Raquel ressalta que, apesar de a Wikipedia e os *blogs* oferecerem a possibilidade de co-autoria em hipertextos, muitas vezes oferecem apenas uma base para a multiplicação de opiniões em profusão, de modo desordenado. Isso porque, ao mesmo tempo em que estimulam a combinação de esforços de leitura e construção de conhecimento, abrem a internet ao crescimento anárquico do acervo virtual, causando um excesso de informação desorganizada e formando o que ela chama de “entulho virtual”, que se contrapõe e obscurece o acesso e a visibilidade da informação que se busca.

Voltando-se para o ensino, Andrea Ramal acredita que a Wikipedia oferece novas possibilidades para a escola, não apenas pela nova forma de organizar o conhecimento, mas também por servir como instrumento para que o professor forme a reflexão crítica dos alunos, já que ele precisa se questionar sobre



a veracidade e a exatidão das informações. “Em outras épocas, o aluno ia à biblioteca, lia uma enciclopédia e, às vezes, copiava o seu conteúdo. Com a Wikipedia, além de fazer tudo isso, ele pode contribuir com o seu conhecimento e alterar aquelas informações. Ele pode se tornar também um autor”, enfatiza.

Ela acrescenta que as novas tecnologias digitais alteram a nossa concepção de comunicação. “Muitos programas de televisão, por exemplo, pedem que o telespectador emita a sua opinião. Os próprios meios de comunicação já perceberam que sem interatividade o espectador não fica. O hipertexto, a tecnologia digital e recursos como a Wikipedia vêm justamente responder a esse anseio de comunicação, que não significa apenas ouvir, mas também dizer, participar, contribuir”.

A interatividade está também mudando as relações na escola, que não foi concebida com um modelo interativo. “O professor aprendeu que uma boa aula significa quadro cheio e aluno com o caderno repleto de anotações. O mundo interativo não suporta mais esse modelo. Os professores estão repensando a sua relação com os alunos para que eles também possam ser sujeitos na aula. Não é mais possível deixar de ser interativo”, frisa Andrea.

**Novas possibilidades** – Assim, explica, o educador vive um momento de reinvenção do seu papel. Antes, ele era o grande transmissor do conteúdo, a fonte de informação para crianças que iam para a sala de aula ver o que

nunca haviam visto antes: como é o mundo, a geografia, a história, a matemática. Hoje, essas crianças já têm acesso a tudo isso através dos meios digitais ou da própria televisão.

Apesar de haver uma idéia bastante difundida de que os jovens lêem menos por conta das múltiplas opções de entretenimento oferecidas pela tecnologia digital, Andrea afirma que na verdade eles estão lendo e escrevendo mais. “O problema é o que eles lêem e escrevem. É preciso formar o jovem para ler e escrever coisas que vão aprimorá-lo. Aqui o papel do professor e da família é fundamental. Os pais devem navegar junto dos filhos, debater o conteúdo dos *sites* com eles. O professor deve ter a mesma postura: levar alguns *sites* para a sala de aula e promover debates, comparando-os com outros *sites*, ajudar a formar esses leitores. No fundo, o desafio da escola é formar bons leitores e escritores, só que com outras mídias”, ressalta.

O tempo e o espaço são duas categorias que também mudaram com a chegada das tecnologias digitais. Elas trouxeram consigo o conceito de simultaneidade: são múltiplos caminhos possíveis de navegação. A relação com o espaço também se altera. As distâncias se encurtaram, tornando possível a comunicação com pessoas de outras culturas com o clique de um *mouse*. O espaço da leitura também mudou, saindo do sofá de casa, do ônibus e da praça para onde houver um monitor de computador. Isso favorece a formação de novos leitores e escritores. Trata-se de uma mudança cultural ►

sem volta. Parte dessa mudança é a tendência de haver uma convergência de mídias. Vários aparelhos tendem a se transformar em um só. Na opinião de Andrea, essa nova realidade é um desafio para a escola, que sempre foi pensada de uma forma muito fragmentada. Ela defende o trabalho de modo hipertextual, ou seja, com um currículo interdisciplinar e um verdadeiro diálogo entre as disciplinas.

**Novas abordagens** – O advento do hipertexto também traz questões novas a serem abordadas.

Por um lado, há a formação de novos autores e estimula-se o gosto pela escrita. O jovem não escreve mais apenas para o professor corrigi-lo. Em seu *blog* ou *site*, escreve para um público. Ao mesmo tempo, há uma onda de apropriação do texto dos outros, a chamada intertextualidade. É comum receber *e-mails* com textos atribuídos a um autor, que, na verdade, são de outro. Sem falar na prática de colher fragmentos de textos alheios para o indivíduo montar o seu próprio. Para o professor, é um desafio, pois é preciso retrabalhar o conceito de autoria intelectual. “Há

## Aprendizagem e cibercultura: novos saberes em

MÁIRA PEREIRA\*

É possível que muitos professores estejam se deparando com uma realidade aparentemente contraditória: como é que pode aquele aluno com dificuldades de aprendizagem em sala de aula e com uma redação tão ruim acessar um computador em uma *lan house* para se comunicar com fluência com grupos de amigos “virtuais” em *sites* de relacionamento? Quem sabe a orientação para enfrentar tantos desafios não esteja muito próxima, ao lado, como na idéia de que as pessoas aprendem umas com as outras,

**“Conhecer é negociar, trabalhar, discutir, debater-se com o desconhecido que se reconstitui incessantemente, porque toda solução produz nova questão.”**

(Edgar Morin)

em comunhão, como defendido na vida e obra do educador brasileiro Paulo Freire? Mas o que Freire teria a ver com esses dilemas atuais e tantos outros desafios enfrentados por professores, entre os quais os ligados às possibilidades de

aprender e de se comunicar de diferentes formas no contexto da cibercultura? Vamos seguir mais um pouquinho para tentar costurar esses pontos?

Trabalhar em conjunto e aprender em comunhão, como afirmava Freire<sup>1</sup>, significa corporificar nas ações do dia-a-dia o tipo de mundo e de sociedade que se está comprometido a construir. O pensamento de Freire se liga à atitude do educador, que por se reconhecer inacabado, incompleto, faz e refaz a si mesmo na relação com o outro, sempre de forma ética, inclusiva, respeitosa e generosa. Da mesma forma, o educador se mostra disponível para participar da construção do “si mesmo” do outro, tudo isso

com uma inserção consciente no mundo, atento a diferentes referências e dilemas. É este olhar, esta atitude que se propõe aqui para que o professor esteja aberto para enfrentar vários desafios, reconhecendo particularidades de nosso tempo e, sobretudo, do dia-a-dia de seus alunos. Vale a pena saber quais são os interesses das crianças e jovens de nosso tempo, seus desejos, suas variadas formas de expressão, inclusive fora da sala de aula, além dos muros da escola. É preciso ter espírito *aprendiz*, conhecer nossos alunos, conhecer este nosso tempo e as novas possibilidades que se apresentam, transformando a prática pedagógica.

Para começar, pergunte a si mesmo e aos seus colegas professores o seguinte:

– Qual o meu grau de familiaridade com computadores, internet etc.?

– Sei o que são Wikipedia, Orkut, hipertexto, cibercultura, tecnologias da informação e comunicação (TICs)?

– Participo de listas de discussão, fóruns ou *chats*?

Você já pensou que seus alunos poderão ajudá-lo com essas questões? Já pensou em inverter a ordem das coisas? Afinal, também aprendemos com nossos alunos e criar espaços de diálogo pode favorecer o estabelecimento de um clima de confiança, abrindo passagem para novas construções.

Um passo fundamental é buscar formação inicial e continuada. Como? Pesquisando programas em universidades e instituições que oferecem cursos para inclusão digital de professores e que desenvolvem competências específicas para a docência em ambientes virtuais de aprendizagem. Há espaços diversos para aprender e compartilhar!

questões que ainda não estão respondidas. Mas são muito positivas, porque trazem à tona a leitura e a escrita a partir de um novo olhar. Um olhar marcado por esse nosso momento cultural, que é fascinante”, comenta Andrea.

Ela lembra ainda que o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin acreditava que nossa sociedade era monológica. Somente a voz dos poderosos era ouvida. De acordo com ele, precisaríamos construir uma sociedade mais polifônica, onde todas as vozes fossem ouvidas e respeitadas. Desta forma, alcança-

ríamos um verdadeiro diálogo. “A tecnologia digital cria todas as condições para essa polifonia. O texto que você constrói é passível de ser lido por outros. Sua voz pode ser ouvida e isso traz uma repercussão política. Por *e-mail*, Orkut, Second Life e outros meios, você pode provocar, se não uma revolução, pelo menos uma discussão política, levantar uma bandeira e criar redes de pessoas que comunguem dessa idéia e se conectem em torno de um ideal. Isso é um pouco a polifonia com que Bakhtin tanto sonhava”, conclui. ■

#### SAIBA MAIS

- RAMAL, Andrea Cecilia. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre, Artmed, 2002.
- O *Giramundo* de NÓS DA ESCOLA nº 11 trata da linguagem da internet; enquanto o da edição 39 aborda o trabalho com a intertextualidade na escola e, o da edição 41, traz dicas para a construção de um *blog*.
- A revista 52 traz, na seção *Atualidade*, uma matéria sobre o Second Life.

## novos tempos e espaços

E como partir para a prática depois de buscar essa formação? Por meio de iniciativas, como propor pesquisas na internet, um fórum como atividade complementar ou um texto coletivo. Ambientes virtuais de aprendizagem trazem outros tempos e espaços, mais livres da linearidade própria da cultura letrada, ainda dominante em nosso currículo que se apresenta de forma seqüencial, seriada.

A fragmentação do tempo e da vida na contemporaneidade – o fenômeno da cibercultura<sup>2</sup> não se restringe à internet, alcança comportamentos, estilos de vida – encontra

**“A inteligência coletiva é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências e cuja base e objetivo são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas.”**

(Pierre Lévy)

fazer *links* e conexões com informações referenciais que vão nos associar rápida e intuitivamente a outros textos, outros fragmentos, outras idéias” (Ramal, 2002)<sup>3</sup>.

Tudo isso sinaliza a relação com uma nova forma de organização e mobilização dos saberes no fazer pedagógico. Novas competências<sup>4</sup> docentes precisam entrar em ação nesse novo cenário.

seu correspondente no texto, em um hipertexto. O hipertexto se caracteriza por múltiplos pontos, dispostos em rede, cujos significados se renovam continuamente a cada nova conexão, de acordo com a necessidade e o momento. Nessa perspectiva, “escrevemos e lemos com a possibilidade de abrir ‘janelas’, de

**“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”**  
(Paulo Freire)

online, as competências desenvolvidas nessa modalidade poderão ser úteis para a sala de aula presencial por meio da interatividade, do diálogo plural. Já o contrário não é possível: não basta transpor competências desenvolvidas na modalidade tradicional ou presencial de educação para o ambiente virtual. É preciso compreender o ambiente em que essas competências serão postas em ação.

A costura de todos esses desafios e oportunidades é a aprendizagem colaborativa e compartilhada e a disponibilidade para o novo, de forma compreensiva, que nos aproxima de nossos alunos, com a curiosidade que dá novos significados às práticas educacionais. E não esqueçamos o mais importante: há potencial nas novas tecnologias e, acima de tudo, nas pessoas, por meio de suas relações.

<sup>1</sup>Veja FREIRE, P. *A pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

<sup>2</sup>Para saber mais, consulte RAMAL, A. C. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. São Paulo, Artmed, 2002.

<sup>3</sup>Veja nota 2.

<sup>4</sup>Para consultar estudo de caso sobre as competências para a docência on-line e suas implicações para a formação inicial e continuada de professores, veja PEREIRA, M. & SANTOS, E. O; TRACTENBERG, L., 2005. <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/149tcb4.pdf>

\*MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E EMPRESARIAL PELA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV), PSICÓLOGA E CONSULTORA EDUCACIONAL.

# Pirataria em tempo de rede

Avanços tecnológicos tornam cada vez mais acirrada a discussão sobre direitos autorais no país



## TEXTO

CAROLINA BESSA

## ILUSTRAÇÃO

ALINE CARNEIRO

Foi-se o tempo em que pirataria era coisa de ladrões que invadiam navios em alto-mar para roubar mercadorias e metais preciosos. Hoje, os fora-da-lei não são mais aventureiros com espadas na mão, e podem estar em cada esquina ou em casa, usando tranqüilamente o seu computador. Atual e polêmico, o tema gera discussões acaloradas. Basta lembrar do episódio que envolveu este ano o filme *Tropa de elite*, do diretor José Padilha, que foi reproduzido em larga escala em DVD e vendido por ambulantes antes mesmo de ser exibido nos cinemas.

Segundo o Ministério da Justiça, a evasão de receitas com a pirataria chega a R\$ 30 bilhões por ano, por conta dos impostos que deixam de ser arrecadados. Para a Interpol, essa ação criminosa movimenta anualmente US\$ 522 bilhões, bem mais que os US\$ 360 bilhões

faturados pelo tráfico de drogas. Na conta da pirataria também entram produtos falsificados, com marcas que imitam as dos originais para confundir o consumidor. Sem falar do material reciclado de lixo hospitalar. Segundo o secretário executivo do Ministério da Justiça e presidente do Conselho Nacional de Combate à Pirataria, Luiz Paulo Barreto, o mercado é tão amplo que negocia até instrumentos cirúrgicos como luvas, bisturis e cateteres. A mais recente novidade são cópias de autopeças de qualidade duvidosa que vão de discos de embreagem a rolamentos e amortecedores.

Juridicamente a questão é complexa. Estão no mesmo barco desde jovens que baixam músicas em MP3 e alunos que tiram xerox de livros na universidade a camelôs de DVDs piratas e marcas que enganam consumidores com um

tênis “Mike” se fazendo passar por Nike. Nesses casos, a maioria dos crimes é conhecida por contrafação, que se define como falsificação de produtos, valores, assinaturas ou obra que imita ou reproduz fraudulentamente outra.

**Generalização** – Para o especialista em direito autoral e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Antônio Cabral, algumas práticas não deveriam ser tratadas como pirataria. “Existe o uso indevido de direito autoral, falsificação e condutas prejudiciais ao consumidor, trazendo até risco à saúde. Mas na hora da campanha colocam tudo no mesmo saco, porque 90% da população não têm uma visão clara desse cenário”.

Autor do trabalho *A ideologia da propriedade intelectual*, o advogado e especialista em direitos autorais Túlio Vianna concorda com Cabral e defende que o termo pirataria não deveria se aplicar a todos os atos, por ser relacionado a roubo ou pilhagem. Ele questiona, inclusive, a pena aplicada a quem faz cópias não autorizadas. “Se o sujeito furta um DVD de uma locadora para revendê-lo, sua pena mínima será de um ano. Se, no entanto, ele aluga um filme, faz uma cópia em DVD e devolve o original, para em seguida vender a cópia, a pena mínima é de dois anos. É uma situação jurídica absurda”, ressalta. No entendimento de Vianna, a proteção aos direitos autorais só serve para reforçar o poder das grandes gravadoras e editoras, sem trazer grandes benefícios para os autores das obras, que recebem percentagem mínima pela venda de CDs, DVDs e livros.

Segundo o presidente do Conselho Nacional de Combate à Pirataria, em 7% dos veículos apreendidos com produtos piratas, há armas, drogas e munições. Geralmente, o crime da pirataria não é praticado isoladamente, mas em conjunto com outros tipos de ilegalidade. Para o professor da FGV, é muito importante coibir as máfias que falsificam produtos e proteger o consumidor dos riscos à saúde, mas se devem discutir melhor questões como a reprodução de livros e a gravação de filmes e músicas baixados pela internet. No caso dos livros, ele diz que houve retrocesso na legislação. Enquanto a Lei 5.988, de 14 de dezembro de 1973, que regula os direitos autorais, permitia a cópia integral de uma publicação para uso privado, a mais recente

(Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998) só permite a reprodução de pequenos trechos.

**Legislação** – Luiz Paulo Barreto admite a possibilidade de modificações nas leis, mas é preciso intensificar a conscientização de jovens contra a pirataria. Segundo pesquisa realizada pela Câmara de Comércio norte-americana, em 2005, o público que mais consumia produtos piratas era formado por jovens de 16 a 24 anos. Para Barreto, as causas podem ser muitas: econômicas, falta de consciência, vontade de transgredir e consumismo exagerado. Por conta disso, o Conselho tem trabalhado com ações educativas, distribuindo cartilhas nas escolas.

As campanhas do governo já surtiram efeito contra a pirataria. Segundo a Associação Brasileira de Software, houve uma queda de 4% na venda de programas piratas. Quanto aos DVDs, em 2003, em cada 10 deles, seis eram piratas. Neste ano, o número caiu para quatro. A pirataria de cigarros teve queda de 70% com bloqueios em Foz de Iguaçu (PR), por onde os produtos costumavam entrar no país.

Há hoje quem defenda que a licença para reproduzir produções intelectuais deve ser livre, com a autorização do autor. Essa é a proposta do Creative Commons, projeto sem fins lucrativos que disponibiliza licenças flexíveis que garantem proteção e liberdade para artistas e autores. O ministro da Cultura, Gilberto Gil, é um defensor da idéia e já licenciou a música *Oslodum*. Há quem concorde que compositores e familiares de artistas dependentes financeiramente do fruto desse trabalho deveriam ter a autoria protegida. No caso do cinema, a discussão é mais complicada. Participante do Creative Commons, Cabral observa que, no Brasil, os filmes já saem pagos por patrocinadores que recebem incentivos da Lei Rouanet. Mas o Conselho de Combate à Pirataria rebate, alegando que o prejuízo para a indústria cinematográfica é de US\$ 2 bilhões. Só nos cinemas brasileiros, a renda da bilheteria caiu mais de 10% nos últimos três anos. Mas isso não aconteceu com *Tropa de elite*, orçado em R\$ 10 milhões. Ao contrário do que se imaginou, não houve evasão de público. Em 10 dias de exibição, 700 mil pessoas foram aos cinemas para vê-lo. O assunto é vasto e merece reflexão em casa, na escola e no trabalho. ■



# Sinal de alerta para a evasão

Escola e família devem estar atentas ao aluno faltoso. Na Rede, o índice de absenteísmo é de 18%

*Cabular aula* sempre foi uma expressão usada romanticamente para contar peripécias dos tempos de escola. Quem já ouviu os inúmeros relatos de ex-alunos do Colégio Militar deve lembrar que são corriqueiras as histórias de rapazes que deixavam de ir à escola para ver as mocinhas do Instituto de Educação e vice-versa. Hoje, no entanto, a expressão deixou a leveza para trás e ganhou peso de problema. No universo da rede municipal de educação do Rio, a frequência com que alguns alunos vêm faltando as aulas já preocupa os educadores.

Um estudo feito pelo Instituto de Desenvolvimento e Avaliação Educacional (Idéia), para a Secretaria Municipal de Educação (SME), indica que ao longo de 2006 o índice de absenteísmo em dia de testes foi de 18% entre os alunos da Rede. Vale ressaltar que este número é bem próximo do índice nacional – 20% – aferido pela última pesquisa do Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), em 2005.

As conseqüências das faltas freqüentes sobre o processo de desenvolvimento do estudante podem ser devastadoras a ponto de afastá-lo definitivamente da escola. Especialmente se entendermos a escola não apenas como o espaço onde se constituem conhecimentos, conceitos e valores, mas também o lugar, por excelência, de socialização da criança e do jovem. “O aluno que falta muitas vezes tanto perde o desenvolvimento das atividades educativas quanto vai, de certa forma, ficar separado, deslocado dos colegas, com dificuldade de se envolver com o trabalho. E isso, sem dúvida, se reflete no seu processo de socialização”, observa Antonio Augusto Alves Mateus Filho, assistente do Departamento Geral de Educação da SME.

Antonio explica que na escola o aluno vivencia um processo muito específico de elaboração do conhecimento. O conhecimento não é repassado simplesmente pelo professor, mas trabalhado sob vários aspectos. “O professor ensina a buscar a informação, trabalha o entendimento desta informação e também a

crítica. Ao perder aula a criança e o jovem podem ficar com dificuldades, por exemplo, em adquirir autonomia para buscar informações ou conteúdos que eventualmente não conheçam. O professor, por sua vez, pode ter comprometida a sua possibilidade de avaliar plenamente o aluno e o próprio processo de elaboração do conhecimento, já que tem diminuídas as oportunidades de observação”, informa.

Por essas razões, é fundamental que a escola e também a família fiquem atentas à criança ou ao jovem faltoso. Os dados do Idéia indicam, no entanto, uma certa tolerância tanto dos responsáveis, quanto do próprio aluno e também por parte da comunidade escolar no que se refere às faltas. De acordo com a pesquisa, 26,7% de alunos do período final do segundo ciclo de formação e 19,4% de jovens de turmas do período final do terceiro ciclo afirmam que matam aula para ver TV em casa; 30% dos pais dizem que a escola não informa prontamente sobre as faltas de seus filhos; e cerca de 10% dos pais ouvidos acreditam que “perder algumas aulas não é importante, pois o que vale mesmo é passar de ano”.

**Valor da escola** – É para passar de ano que se deve estudar, ir à escola, ou para compreender o mundo à sua volta e ser um ser humano melhor, atuante e crítico? Que valor a sociedade atribui à escola? Essas são perguntas que merecem estar na pauta do dia das reuniões entre ▶

## O que diz a lei

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) permite que o estudante tenha até 25% de faltas em cada período letivo de 200 dias. Ou seja, o aluno deve ter uma frequência maior ou igual a 75% para ser aprovado. O mesmo vale para o regime de ciclo.

Na Rede, há um sistema de acompanhamento de faltas acessível pelo computador. Quando o aluno atinge 12,5% de faltas, a escola é obrigada a comunicar ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da comarca e ao respectivo representante do Ministério Público.

TEXTO

MARTHA NEIVA MOREIRA

ILUSTRAÇÃO

ADRIANA SIMEONE, ALEX LOPES

E GUSTAVO CADAR

GRÁFICO

DAVID MACEDO

professores e entre eles e os responsáveis. Refletir sobre elas pode ajudar a entender o que leva uma criança ou um jovem a matar aula deliberadamente.

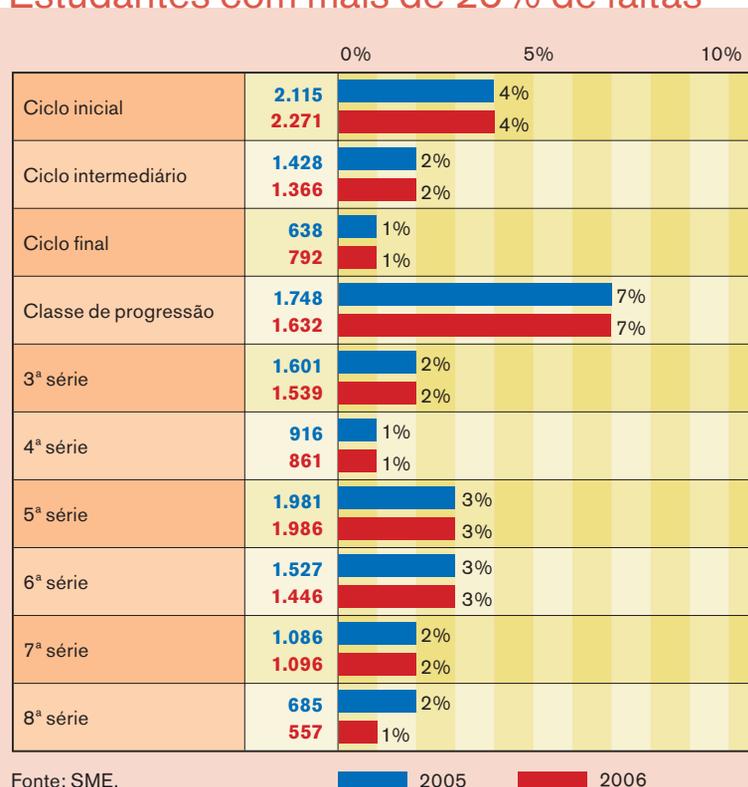
Em um pequeno debate promovido por NÓS DA ESCOLA com cinco representantes dos conselhos de pais, funcionários, diretores, professores e alunos da 7ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), essas questões foram bem trabalhadas e o que mais chamou atenção foi o consenso, entre eles, sobre o distanciamento que há hoje entre a escola e a família. “Eu lido com crianças na escola. Enquanto são bem pequenas os pais são mais presentes, mas à medida que vão crescendo os responsáveis não aparecem mais”, constata Presbítero Alves da Costa, há 12 anos funcionário da Escola Municipal Eunice Weaver, na Taquara, e membro do Conselho de Funcionários da 7ª CRE. “Acho que os pais não estão entendendo muito o valor da escola. Eles querem que a escola eduque seus filhos, até em coisas que não são de responsabilidade da escola, mas não se esforçam para o filho freqüentá-la”, completa Kátia Borges, representante do Conselho Escola-Comunidade da E. M. Honduras, no mesmo bairro.

De fato, como aponta Antônio Augusto, da SME, “há uma crise de valores que se reflete na imagem que fazemos da escola atualmente. Para muitos pais, ela parece não dar mais perspectiva de futuro”. Não é à toa que há vários projetos assistenciais ligados à escola, em que os responsáveis recebem um dinheiro mediante a apresentação da matrícula do filho.

O equívoco de entendimento de muitos em torno da importância da instituição escolar soma-se à realidade violenta de certos lugares, que impedem o pleno ir-e-vir de seus moradores e conseqüentemente a freqüência dos alunos à escola, além da necessidade de os pais trabalharem e deixarem seus filhos sozinhos em casa ou sob a guarda de um irmão mais velho. “Essa situação é muito comum. Muitos responsáveis dizem que não há como controlar a freqüência dos filhos porque simplesmente saem para trabalhar muito cedo e não cuidam deles. Já ouvi mães dizerem que trabalham mesmo e não têm culpa se os filhos não vão à escola”, informa Maria Joselza, diretora do Ciep Pablo Neruda, na Taquara.

Seja pelas razões mencionadas ou por outras tantas que consigamos enumerar, é fato que a escola precisa ser atraente para o aluno e seus responsáveis, tanto do ponto-de-vista das atividades realizadas com os alunos, como da estratégia de acolhimento dos responsáveis. “O acolhimento deve começar na hora da matrícula. Qualquer procedimento de abertura da escola para a comunidade é válido para atrair alunos e responsáveis, como o café da manhã para os responsáveis no início do ano letivo. É importante ainda que o projeto político-pedagógico contemple com ações toda a comunidade escolar. Além disso, é fundamental escutar os alunos, falar com eles no recreio e nos corredores; chamá-los pelo nome; recebê-los na entrada da escola com carinho; chamar os pais para conversar e informá-los sobre o processo de desenvolvimento dos filhos”, acredita a diretora. “O trabalho deve ser coletivo. Todos na escola são educadores em potencial, da diretora à merendeira, e devem, juntos, entender o percurso da falta do aluno para que, juntos também, consigam refletir sobre o problema nos centros de estudos, por exemplo”, conclui a professora Maria Helena Ferreira, do Ciep João Batista dos Santos, na Cidade de Deus. ■

## Estudantes com mais de 25% de faltas



CEST

# Aulas criadas a muitas mãos



No Cest, o debate sobre o meio ambiente saiu da sala de aula e ganhou o cenário escolar e as ruas do bairro de Ricardo de Albuquerque

Assim que soube que iria trabalhar com Cest (centro de estudos) em uma turma do ano intermediário do 3º ciclo na Escola Municipal Coelho Neto, em Ricardo de Albuquerque, a professora de ciências Alexandra Santos Oliveira ficou apreensiva. Afinal, Cest era novidade para alunos e professores. Passados alguns meses, no entanto, o saldo da experiência é tão positivo que muitas estratégias utilizadas no Cest já vêm ganhando espaço em outras turmas de Alexandra. Com criatividade e muita disposição, ela conseguiu reunir os principais objetivos do centro de estudos, como incentivo à pesquisa e compromisso com a tarefa estabelecida, os eixos temáticos elencados pela 6ª CRE para 2007 (identidade, meio ambiente, cultura e ciência e tecnologia) e ainda os anseios de seus alunos. “Quando vi os eixos temáticos

e os assuntos trazidos pelos alunos, percebi que tudo poderia se encaixar. Na verdade, só dei o pontapé inicial. Desde então, eles têm desenvolvido tudo”, conta, orgulhosa.

O primeiro passo foi diagnosticar assuntos que interessassem à turma. Para motivar a participação de todos, Alexandra começou com uma apresentação de si própria. Levou fotos, livros, antigos discos de vinil... Depois, pediu a cada um que mostrasse, com textos, fotos e ilustrações, quem era, o que gostava de fazer e o que esperava da vida. Em pouco tempo, percebeu que já estava trabalhando identidade, o primeiro dos eixos temáticos estabelecidos pela CRE. Entre os temas levantados, muitos diziam respeito ao bairro onde fica a escola e onde mora boa parte dos alunos – daí para falar de meio ambiente e cultura foi um passo ►

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

### SAIBA MAIS

- O Cest é tema da seção *Caleidoscópio* da edição nº 53 de NÓS DA ESCOLA.

quase imperceptível. Ciência e tecnologia, o último dos eixos temáticos, é o tema dos últimos meses letivos.

Mas os problemas relacionados ao meio ambiente foram de fato o assunto mais recorrente. A turma se empenhou na pesquisa e na produção de trabalhos relacionados ao tema. A dedicação veio a calhar para um evento organizado pela 6ª CRE, a I Conferência Infanto-juvenil pela Justiça



Uma das fases do trabalho foi a produção de desenhos e textos

### Deu certo

- As atividades, diz Alexandra, tiveram resultado surpreendente, devido ao grande envolvimento dos alunos
- Falar sobre assuntos ligados à realidade dos alunos aumentou o interesse e o desenvolvimento da leitura e da escrita
- A receptividade dos alunos, que, por meio do "boca-a-boca", já atrai alunos de outras turmas, quando há tempos vagos, para as aulas do Cest

### Poderia ser modificado

- Como o Cest é relativamente novo para os professores, Alexandra acha que seria necessário desenvolver cursos para melhor prepará-los para a atividade

Ambiental, realizada no início de outubro (*leia no quadro da pág. 41*). O entendimento do conceito de meio ambiente para a turma, a professora e a própria conferência é amplo, englobando sustentabilidade, trabalho, qualidade de vida, saneamento, educação, cidadania e saúde. Partindo do próprio entorno da escola, Alexandra e seus alunos andaram pelo bairro, entrevistando moradores e identificando problemas, como a habitação desordenada às margens das linhas férreas, a poluição sonora, o crescimento da população de rua, o mau comportamento dos alunos nos ônibus e a falta de áreas verdes.

Depois, já na sala de aula, o grupo traçou metas e apontou sugestões para o combate a cada um dos problemas. O debate originou iniciativas como a produção e distribuição de panfletos para a conscientização dos alunos que utilizam o transporte público e a arborização de uma das ruas do bairro, com mudas arrecadadas em hortos. Foram realizadas ainda visitas coletivas a locais como o Ceasa, onde os alunos discutiram questões relacionadas à produção, distribuição e ao aproveitamento de alimentos, além de conhecer projetos sociais desenvolvidos pelos produtores. "Os assuntos foram se multiplicando. Na verdade, quem monta a aula é o aluno, não o professor. No começo, tinha uma ou outra contribuição. Agora fico *maluca* para organizar uma aula, tantas são as contribuições", conta Alexandra.

Valorizar a produção dos alunos foi um passo fundamental para o aumento da participação da turma. Alexandra conta que a cada final de aula listava no quadro os nomes dos alunos que haviam contribuído para a definição do tema, trazendo notícias, pesquisas ou sugestões. Em pouco tempo, selecionar o material trazido passou a ser a tarefa mais desafiadora, pois não faltavam contribuições.

**Interdisciplinaridade** – Os resultados do trabalho têm agradado não apenas aos estudantes, mas também aos professores de outras disciplinas, que já trabalham em conjunto com Alexandra. Professores de disciplinas como língua portuguesa, geografia, língua estrangeira e educação física têm utilizado os mesmos textos e temáticas que Alexandra utiliza no Cest, desenvolvendo novas possibilidades de aprendizado, através de atividades diversas.

O caminho acontece também na mão inversa. “Muitas vezes, quando vou trabalhar um assunto, alguém já deu o pontapé inicial”, explica a professora.

Atividades como a visita ao Ceasa, por exemplo, possibilitam a integração de diversos conteúdos. “Em uma mesma discussão, abordamos matemática, geografia e ciência”, exemplifica Alexandra. Em sentido mais amplo, o trabalho tem por objetivo integrar os alunos à escola e fazê-los pensar sobre sua realidade, seus direitos e deveres. Ultrapassados os muros da escola, os estudantes demonstram atenção redobrada aos conteúdos abordados, discutindo a realidade que os cerca. “A resposta é muito maior do que quando nos limitamos ao quadro-negro, ao giz e ao livro didático”, comemora Alexandra.

Alunos animados com o trabalho não faltam. Bianca Santana Pereira, da turma 1805, conta que nunca tinha ido ao cinema, mas hoje vai de ônibus, depois de ter acompanhado a turma em duas incursões aos cinemas, para assistir aos filmes *Pro dia nascer feliz* e *Meninas*. Já Natália Soares, da turma 1707, é aluna de Alexandra na disciplina de ciências, e não no Cest. Mas também se beneficia do trabalho realizado pela professora, que vem utilizando em suas outras aulas os princípios do Cest. “Muitas vezes, a escola só nos vê como alunos. Nestas aulas, todos me vêem como eu realmente sou”, compara. ■



O cartaz de NÓS DA ESCOLA sobre curiosidades culinárias ganhou contribuições dos alunos

## Pauta coletiva

A I Conferência Infanto-juvenil pela Justiça Ambiental, realizada no início de outubro pela 6ª CRE, incentivou a discussão e o planejamento de atividades voltadas para o meio ambiente em todas as escolas, com turmas desde a educação infantil até o último ano do último ciclo. O trabalho foi desenvolvido em três etapas, com grupos de trabalho nas turmas, nas escolas e, por fim, num encontro global da 6ª CRE, realizado no Colégio de Aplicação da UniverCidade no dia 3 de outubro.

Responsável pelos projetos de educação ambiental na 6ª CRE, Rosemary

de Medeiros, da Divisão de Educação, lembra que a consciência ambiental é assunto relativamente novo e, por isso, merece um trabalho cuidadoso junto aos alunos. “Trabalhamos com os professores para levantar a agenda de justiça ambiental das escolas e, depois, partimos para identificar as dificuldades comuns e encaminhar as propostas, buscando um retorno para as escolas e a continuidade das atividades”, explica Rosemary. Entre os temas debatidos, destacaram-se injustiça ambiental, desigualdades e exposição a riscos ambientais e de tecnologias sujas.

# Rito de preservação da vida

TEXTO  
CAROLINA BESSA

FOTOS  
ALBERTO JACOB FILHO

A simples distração de uma criança ao atravessar a rua e a imprudência de alguns motoristas muitas vezes resultam em atropelamentos com conseqüências graves. Apesar de obrigatória a redução da velocidade em área escolar, tem muito motorista que não respeita a regra e acaba provocando acidentes. Há cerca de três meses

alunos de uma escola municipal do bairro de Colégio, Zona Norte da cidade, presenciaram a morte de um colega por atropelamento em frente à unidade. Esta e outras ocorrências anteriores acabaram pesando na decisão dos coordenadores dos núcleos de adolescentes das escolas da 5ª CRE de promover um trabalho de conscientização dos riscos do trânsito entre os alunos. Em parceria com a CET-Rio, a exemplo do que já é desenvolvido com outras secretarias do município, os professores da Rede estão promovendo atividades do projeto Risco Zero nas escolas.

O programa abrange oito unidades da mesma área e tem como objetivo formar multiplicadores, entre crianças e adolescentes freqüentadores dos núcleos, e se estende também a amigos e familiares. Para a representante da Divisão de Educação (DED) da 5ª CRE e coordenadora do Núcleo de Adolescentes da Escola Municipal Jaime Costa, em Cavalcante, Clara Bichara Leal, o Risco Zero tornou-se prioridade depois dos muitos acidentes que vitimaram alunos da Rede. Os últimos dados do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro e da CET-Rio mostram que, em 2005, 103 adolescentes entre 10 e 17 anos de idade foram vítimas de atropelamentos na região (34 casos entre 10 a 12 anos, e 69 entre 13 a 17), entre os 830 casos registrados.

Na avaliação de Clara, além da ênfase pela atenção dos pedestres nas vias públicas, o programa também contempla as recomendações previstas no Código Nacional de Trânsito, como não dirigir depois de beber, usar cinto de segurança na condução de veículos e atravessar vias expressas preferencialmente por passarelas ou por locais indicados. "É importante que os adolescentes tenham essa consciência porque serão os motoristas de amanhã, sem contar que também poderão transmitir esse aprendizado a amigos e familiares", ressalta a coordenadora.

A preocupação com os jovens no trânsito não está restrita apenas a alguns bairros do Rio de Janeiro. Trata-se de questão de interesse



O núcleo de adolescentes da E. M. Rostham Pedro de Farias debate as regras de trânsito

nacional. Tanto assim que o Departamento Nacional de Trânsito (Denatran) escolheu como tema para a Semana Nacional de Trânsito (de 18 a 25 de setembro deste ano) “O jovem e o trânsito”. Jovens de todo o mundo são considerados o grupo mais vulnerável e de maior exposição aos riscos de morte por acidentes em vias públicas, já que nelas circulam como pedestres, ciclistas, motociclistas, condutores e principalmente como passageiros.

Características emocionais da adolescência, como a necessidade de auto-afirmação, competitividade exacerbada, busca intensa de emoções associada a bebida alcoólica fazem desse contingente um forte candidato a grupo de risco de acidentados no trânsito. Dados do Denatran mostram que 44% dos condutores envolvidos em acidentes de trânsito com vítimas, em 2004, tinham idades entre 18 e 29 anos. Já em 2005 esse percentual subiu para 46%. Dados do órgão revelam ainda que 3,2% desses condutores tinham menos de 18 anos em 2004. O número subiu para 3,5% em 2005.

A estudante Fernanda Bonisolo, de 15 anos, participante do núcleo de adolescentes da Escola Municipal Rostham Pedro de Farias, também em Cavalcante, diz que, desde que começou a ir e a voltar da escola sozinha, passou a prestar mais atenção no trânsito. Depois de participar do programa de conscientização, não se preocupa apenas com a sua segurança, mas também com a dos familiares.

**Encenação** – A primeira atividade realizada com as escolas foi um teatro de mímica protagonizado por funcionários da CET-Rio para informar sobre sinalização de trânsito. A partir daí, cada coordenador de núcleo de adolescentes conversou com seus alunos e desenvolveu trabalhos conjuntos. Na Escola Municipal Ministro Edgard Romero, em Madureira, a coordenadora Odaléia Moreira, desenvolveu um domínio pedagógico com placas de trânsito. Em outras unidades, foram produzidos cartazes com diversas situações proibidas, como não respeitar sinal vermelho ou dirigir alcoolizado.

A coordenadora do núcleo de adolescentes da Escola Rostham Pedro de Farias, Adriana Bastos, percebeu que a grande preocupação dos estudantes, principalmente dos com ida-



Cartazes e panfletos foram produzidos pelos alunos

des entre 15 e 16 anos, foi com os familiares que conduzem veículos. “Eles condenam o falar ao celular na direção e consideram o uso do cinto de segurança essencial”, relata a professora. Para o estudante John Douglas de Oliveira, de 15 anos, as atividades do projeto foram importantes porque ele agora conhece o significado das placas de trânsito e tem mais discernimento para saber o que é permitido ou não quando se está conduzindo um veículo. “Tenho amigos mais velhos que começaram a dirigir recentemente. Posso ajudar a conscientizá-los sobre alguns riscos que existem quando estão ao volante”, ressalta.

Para coroar o êxito das atividades, coordenadores de núcleos de adolescentes e representantes da CET-Rio realizaram um evento de culminância no dia 20 de setembro por conta da Semana Nacional do Trânsito. Os alunos participaram intensamente, com direito até à apresentação de um rap sobre o tema composto por eles. A CET-Rio apresentou um novo teatro de mímica aberto a todos os estudantes e a Secretaria Especial de Prevenção à Dependência Química (SEPDQ) realizou campanha contra o uso de bebida alcoólica ao volante. O projeto com a CET-Rio envolve também as escolas municipais Mendes Viana, Maestro Pixinguinha, Mozart Lago, Maria Baptistina Duffles Teixeira Lott e Professor Carneiro Felipe, todas na área da 5ª CRE. ■

# Fenômeno do cinema nacional

A Atlântida produziu inesquecíveis chanchadas com a divertida dupla Oscarito e Grande Otelo

**TEXTO** CAROLINA BESSA

**FOTOS**  
DIVULGAÇÃO GRUPO  
SEVERIANO RIBEIRO

O cinema brasileiro já passou por altos e baixos, mas com certeza ninguém se esquece de uma época de grande efervescência das produções nacionais, marcada pelas bem-humoradas chanchadas. O sucesso do gênero é atribuído à criação da Atlântida Cinematográfica, cujo objetivo era unir o cinema de arte ao popular. A companhia foi responsável pelo sucesso da dupla de comediantes Oscarito e Grande Otelo em vários de seus filmes.

A Atlântida não foi apenas produtora de filmes, mas um grande complexo cinematográfico que abrangia estúdios, laboratórios, distribuidora e salas de cinema. A sua importância é tanta para a cultura nacional que o presidente Lula, em fevereiro deste ano, assinou decreto tornando o acervo histórico da companhia patrimônio de interesse público e social. A Atlântida produziu 66 filmes em toda a sua história, além dos cinejornais, que a partir da década de 1940 passaram a ser exibidos semanalmente para um grande público, já que nessa época ainda não existia a televisão nos lares.

Fundada em 18 de setembro de 1941, por Moacir Fenelon e José Carlos Burle, a companhia, nos seus dois primeiros anos de atuação, produziu somente cinejornais – o primeiro deles, *Atualidades Atlântida*, que abria as sessões das salas ao som de clarins. Apesar de não terem sido o carro-chefe da produtora, os cinejornais tiveram grande importância histórica por retratar os costumes de toda uma época. Para o responsável pelo acervo histórico da companhia, Luiz Henrique Severiano Ribeiro Baez, são imagens que mostram o Rio de Janeiro das décadas de 1940, 50 e 60 e o contexto social e geográfico da cidade no período.

Com a experiência dos cinejornais, a Atlântida produziu em 1942 o primeiro documentário de longa-metragem no Brasil, sobre o IV Congresso Eucarístico Nacional, em São Paulo. É dessa época o surgimento do média-metragem *Astros em desfile*, com números musicais estrelados por Emilinha Borba, Luiz Gonzaga e outros artistas famosos da época. A partir dessa experiência, a Atlântida se credenciou para alçar vãos mais altos e partir para o que se firmaria como o seu carro-chefe: as chanchadas.

**Astro** – O primeiro grande sucesso da companhia foi um filme baseado na história daquele que seria o grande astro da Atlântida: Grande Otelo. *Moleque Tião*, do diretor José Carlos Burle, conta a trajetória de um garoto pobre

Em 1954, Grande Otelo e Oscarito estrelavam *Matar ou correr*, dirigido por Carlos Manga





Nem Sansão nem Dalila parodiava a superprodução hollywoodiana *Sansão e Dalila*, com toques políticos e sátira ao governo de Getúlio Vargas

do interior de Minas Gerais que sonhava ser artista. Hoje não mais existe cópia do filme, que abriu caminho para produções voltadas para questões sociais.

A empresa tornou-se a maior produtora brasileira entre 1943 a 1947. Foram finalizados 12 filmes, com destaque para *Gente honesta*, de 1944, com direção de Moacir Fenelon, tendo Oscarito no elenco. Seu sucesso isolado se estendeu até 1956, quando surgiu a rival Companhia Cinematográfica Herbert Richers, que também produzia comédias.

O primeiro filme em que Oscarito e Grande Otelo atuaram juntos foi *Tristezas não pagam dívidas*, de 1944, dirigido por José Carlos Burle. Outro destaque da década foi *Não adianta chorar*, dirigido por Watson Macedo, uma série de esquetes humorísticos com números musicais carnavalescos. Esta produção e *Gol da vitória*, de José Carlos Burle, abordam temas populares como o futebol e o carnaval. A consagração das chanchadas veio com *Este mundo é um pandeiro*, de 1947, quando o gênero ganhou formato definitivo.

Segundo Luiz Henrique Severiano Ribeiro Baez, o êxito das chanchadas deve-se tanto à crítica ao cinema de Hollywood quanto à realidade social e política brasileira. Esses in-

gredientes podem ser encontrados na seqüência antológica de *Este mundo é um pandeiro*, que mostra Oscarito travestido de Rita Hayworth parodiando uma cena de *Gilda*. Desta primeira fase da Atlântida resta apenas a comédia *Fantasma por acaso*, de Moacir Fenelon. Os outros filmes perderam-se em um incêndio nas instalações da empresa, em 1952.

A partir de 1947 foi inaugurada uma nova fase na história da companhia, com Luiz Severiano Ribeiro Jr. como sócio majoritário. O grupo Severiano Ribeiro tinha 80 salas de cinema, uma empresa de distribuição e um laboratório de processamento de filmes. Além disso, a Atlântida tinha um quadro fixo de funcionários composto por um time de artistas invejável. Isso tudo representou uma experiência inédita para a produção cinematográfica voltada exclusivamente para o mercado, garantindo a exibição das chanchadas de forma massiva. De acordo com o responsável pelo acervo da empresa, foram produzidos em média 4,2 filmes por ano no período de 1947 a 1962.

A década de 1950 foi o auge das comédias da Atlântida. *Matar ou correr* (1954), com a dupla Oscarito e Grande Otelo, foi um grande sucesso do então jovem diretor Carlos Manga, que havia passado por todos os setores da companhia antes de estreitar na função com *A dupla do barulho*, ►

## SAIBA MAIS

- O documentário *Assim era a Atlântida* fala das chanchadas que a empresa produziu. As cenas dos filmes do seu arquivo e depoimentos dos atores daqueles tempos ajudam a compreender o que representou a companhia cinematográfica para a produção nacional. A antologia remonta ao período que vai de 1942 a 1962.
- VIEIRA, João Luiz. *A chanchada e o cinema carioca*.
- RAMOS, Fernão, org. *História do cinema brasileiro*. São Paulo, Art Editora, 1987.

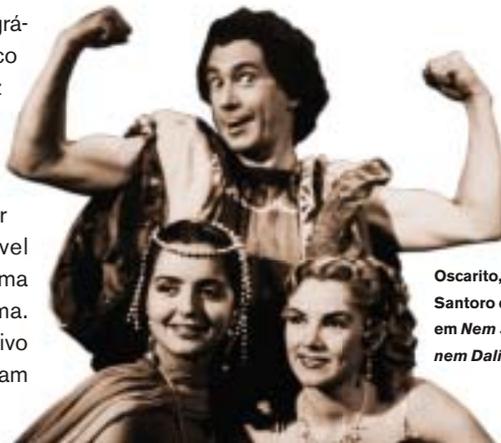
de 1953. Outra divertida história sob o comando de Manga, que parodiava a superprodução hollywoodiana *Sansão e Dalila*, de Cecil B. De Mille, foi realizada nos estúdios da companhia brasileira, ganhando o nome de *Nem Sansão nem Dalila*. A história tinha caráter político, ironizando as manobras para um golpe populista e as tentativas de neutralizá-lo. A idéia era satirizar o governo de Getúlio Vargas.

**Fenômeno** – Em 1954 já sem a parceria com Grande Otelo, Oscarito continuou atuando em filmes como *O golpe* (1955), *Papai fanfarrão* (1956) e *Esse milhão é meu*, (1958). Entre os maiores sucessos de público de todos os tempos destaca-se *O homem do Sputnik*, dirigido por Carlos Manga. O filme conseguiu arrastar para os cinemas 15 milhões de telespectadores em um país com 60 milhões de habitantes. Na época, as filas das salas de cinema dobravam quarteirões e até hoje os números de bilheteria surpreendem, sendo que muitos não foram superados. O gênero é apontado por pesquisadores como resultado de um fenômeno popular. “A linguagem cinematográfica nunca encontrou tanta aceitação do público quanto nos anos da chanchada”, acredita Luiz Henrique Severiano Ribeiro Baez.

A divertida comédia *O homem do Sputnik* faz uma contundente crítica à guerra-fria e é considerada pelos críticos como a melhor produção da Atlântida. Além da memorável atuação de Oscarito, atuaram a novata Norma Bengel e Jô Soares, que estreava no cinema. Como lembra bem o responsável pelo arquivo histórico, muitos artistas hoje conhecidos fizeram

fama na antiga companhia, como Agildo Ribeiro e José Lewgoy. Sem falar dos galãs da época, Cyll Farney e Anselmo Duarte, e as mocinhas Eliana, Fada Santoro e Adelaide Chiozzo. Os números musicais também deram projeção a Emilinha Borba, Dick Farney e ao Trio Irakitan.

O último filme da inesquecível produtora foi *Os apavorados*, de Ismar Porto, em 1962. Depois dele, a Atlântida se associou a companhias nacionais e estrangeiras em co-produções que chegaram a um total de 100. Em 1974, em conjunto com Carlos Manga, a companhia realizou o documentário *Assim era a Atlântida*, coletânea contendo trechos de filmes produzidos pela empresa e depoimentos de artistas, diretores e intelectuais como Muniz Sodré, Ariano Suassuna e Cláudia Raia. Depois de um incêndio nos anos 1950, foi a vez de uma enchente, na década de 70, inundar os estúdios e destruir mais uma parte dos filmes da empresa. Das 66 produções só existem atualmente 23 completas e fragmentos de outras. ■



Oscarito, Fada Santoro e Eliana em *Nem Sansão nem Dalila*

## Acervo à disposição do público

Os fãs das produções da Atlântida no futuro poderão matar as saudades dos filmes e dos cinejornais da companhia. Segundo o responsável pelo acervo histórico, Luiz Henrique Severiano Ribeiro Baez, será criado o Museu Atlântida/Severiano Ribeiro, na frente do Cine Palácio, na Cinelândia. O projeto arquitetônico já está pronto, dependendo apenas de financiamento. No local, serão expostos equipamentos da antiga companhia como câmeras, refletores e acessórios dos estúdios,

além de documentos e roteiros originais. Além disso, será criada a sala de exibição Carlos Manga, em homenagem ao antigo diretor da Atlântida.

Desde 2006 alunos de história da Universidade Gama Filho, através de parceria firmada entre a instituição e o grupo Severiano Ribeiro, estão trabalhando na identificação, descrição, preservação e conservação do material. Segundo a coordenadora técnica do projeto, Albina Pereira, o trabalho é

bastante minucioso, já que muitas películas só podem ser identificadas pelo negativo, porque estão muito frágeis para serem exibidas. São 20 mil rolos de filmes, guardados em 10 mil latas no Arquivo Nacional, sendo 23 filmes de ficção e cerca de 6 mil títulos de cinejornais. Algumas obras começaram a ser lançadas em DVD. Este ano também serão comemorados os 90 anos da família Severiano Ribeiro na indústria cinematográfica, com o lançamento de um livro.

# Um, dois, feijão com arroz...

Merendeira do Ciep Henfil há quase 20 anos, Sandralin tempera o paladar de crianças e adultos

Quando levava os filhos pequenos à escola, Sandralin Fernandes de Oliveira sempre reservava um tempinho para um bate-papo com a merendeira, D. Geni. A amizade dura até hoje. Aos 62 anos de idade, Sandralin, por coincidência, mora perto da antiga merendeira da Escola João Marques dos Reis. Mas a boa conversa não foi tudo o que restou daquele tempo. Sandralin conta que foi nessa época que pensou pela primeira vez em como deveria ser bom trabalhar como merendeira de uma escola. “Eu olhava as carinhas alegres das crianças, a satisfação com que elas iam para o refeitório, e pensava que aquele era um trabalho que valia a pena”, explica. Alguns anos depois, ela se lembrou de D. Geni ao ler sobre um concurso para a rede municipal de ensino. A história continua no Ciep Henfil, no Caju, onde,

de segunda a sexta-feira, Sandralin capricha no tempero que já conquistou as crianças e também os adultos do Peja (Programa de Educação de Jovens e Adultos).

Desde 1988, ano de inauguração do ciep, Sandralin é a merendeira mais popular da escola. Tantos anos de experiência lhe renderam diversas estratégias para convencer as crianças da importância de consumir os alimentos

“menos atrativos”, como legumes, frutas e verduras. Entre elas, o apelo à vaidade dos alunos.

Promessas como a de um cabelo mais bonito e até de um namorado acompanham uma boa porção de cenoura, enquanto a prova de um novo legume fica condicionada a outro prato, caso a novidade não seja aprovada. De ►

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



## Em foco



**Sandralin  
Fernandes de  
Oliveira**

- Teve três filhos, mas perdeu um com quatro meses de idade. Fala com orgulho da filha, professora e estudante de direito, e do filho, formado em administração.
- Carioca, foi criada entre a Glória, Flamengo e o Catete e atualmente vive na Vila da Penha.
- Lê diariamente os jornais *Extra* e *Expresso* e coleciona os livros vendidos em suas promoções. Entre seus preferidos estão *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, e *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado.

um modo geral, funciona. Outra preocupação da merendeira é evitar o desperdício. Por isso, ela está sempre lembrando às crianças que não é preciso ter olho grande e garante que, caso a fome persista depois do primeiro prato, elas podem voltar para repetir. Ensinar é um dos seus lemas preferidos. “Quem trabalha em escola é um educador. Pode ser desde o servente até o diretor, mas é preciso educar”, justifica.

Lidar com as crianças, para ela, não tem segredo. “É só lembrar que já fomos crianças também”, explica. No caso dela, uma criança bem arteira, confessa. Sandralin estudou quatro anos em um colégio interno, que ficava na Rua do Bispo. Periodicamente os alunos eram liberados para visitas à família, mas ela sempre ficava de castigo e acabava liberada apenas nas festas de final de ano. “Eu era terrível!”, admite. Com os filhos, Sandralin deu sorte. Tem certeza de que os dois não deram a metade do trabalho que ela deu aos pais. Na escola, acha que os alunos vão ficando mais tranquilos à medida que a semana passa, mas voltam mais agitados no começo da semana seguinte. “Eles vão para casa e voltam mimados, cheios de vontade. Aí, começamos a “catequese” de novo”, comenta, entre risos.

Há cinco anos, Sandralin passou a trabalhar no turno da noite, com os alunos do Peja. Mas a experiência com as crianças ainda é de grande utilidade. As diferenças, ela garante, nem são tão grandes. “Eles adoram quando o cardápio tem sopa. Acho que é porque têm preguiça de mastigar”, palpita. Muitos dos adultos que hoje

- Não gosta de ver novelas e prefere o rádio, porque pode fazer várias outras coisas enquanto escuta.

- Diz não gostar das “músicas atuais”. Seus intérpretes favoritos são Frank Sinatra, Nat King Cole e a orquestra de Ray Conniff.

enchem o refeitório da escola à noite já conhecem o tempero de Sandralin, pois passaram pelo ciep durante a infância ou adolescência. Ela adora reconhecer os antigos alunos e conta, orgulhosa, que muitos, já casados e com filhos, não se esquecem dela.

Os gostos são relativamente parecidos. Tanto as

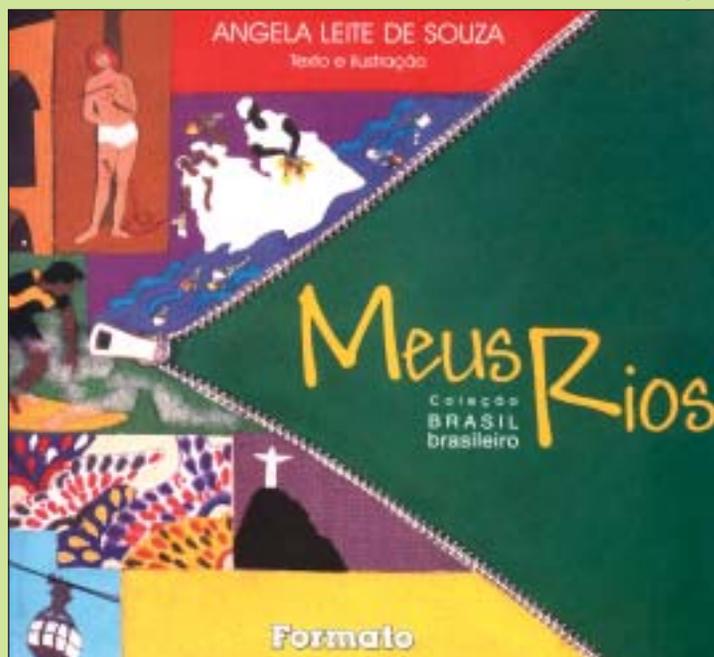
crianças quanto os adultos não dispensam uma boa carne moída e purê de batata e também adoram risoto e canja de galinha. A grande diferença fica mesmo por conta da quantidade de alimentos servidos. No turno da manhã, Sandralin servia mais de 600 crianças e trabalhava com três ajudantes. Atualmente, à noite, ela cuida sozinha do refeitório, por onde passam cerca de 120 pessoas. Em média, prepara de 5 a 8kg de arroz, 3kg de feijão e mais carne e legumes. Chega ao ciep às 15h e, às 17h30, recebe o primeiro grupo para o jantar. A refeição é servida até as 18h30, e por volta de 20h15 ela já limpou e organizou a cozinha.

**Casa de ferreiro...** – Em casa, Sandralin passa longe da cozinha. Ela confessa que fora do trabalho nunca foi muito de cozinhar. E – que as crianças não a escutem – também não é adepta de uma alimentação muito saudável. Entre seus pratos prediletos estão lasanha e ravióli, mas, na correria da rotina, ela apela mesmo é para os sanduíches. Com muito gosto, aliás. Seu preferido reúne peito de frango desfiado, milho verde, ervilha, passas e maionese entre duas fatias de pão de forma integral. Para acompanhar, refrigerante. Do *light*, para não pesar na consciência. Em luta contra a balança, Sandralin garante que, até a primeira gravidez, pesava 55kg, mas desde então inicia uma dieta atrás da outra, sem conseguir passar da segunda semana. Para justificar o excesso de peso, ela conta que deixou de fumar há dois anos. “Não estava preparada psicologicamente e acabei descontando na comida. Mas agora já é falta de vergonha mesmo”, admite, risonha.

Em casa, sua atividade predileta é organizar as coisas. As gavetas são um primor: tudo separadinho e organizado. O rádio a acompanha diariamente nas tarefas domésticas, sempre sintonizado em programas de notícias. Quando sobra um tempinho, ela aproveita para ler o jornal. Se bate aquela fome, a receita do sanduíche aí de cima é a primeira que vem à cabeça. Mas Sandralin não quer fazer feio com as crianças. “Não posso dar mau exemplo, né? Escreve aí que gosto também de carne moída com purê de batata ou carne assada”, recomenda. “Sanduíche todo dia não é legal”, conclui. ■

O destaque do mês é *Conspiração de nuvens*, novo livro da premiada autora e membro da Academia Brasileira de Letras Lygia Fagundes Telles. Destaque ainda para *Arquitetura aventura*, de Kátia Canton, que convida o leitor a descobrir lugares e símbolos da arquitetura mundial e brasileira de maneira divertida.

## Livros



### **Meus Rios**

Angela Leite de Souza  
Editora Formato, 2000

Este livro de poemas tem como tema pontos pitorescos da cidade do Rio de Janeiro. A autora e ilustradora Angela Leite de Souza tem cerca de 30 livros publicados, muitos deles premiados. Para ilustrar os poemas de *Meus Rios*, Angela usou uma variação da técnica que vem desenvolvendo desde 1994 – o bordado, com suas infinitas possibilidades.

### **Conspiração de nuvens**

Lygia Fagundes Telles  
Editora Rocco, 2007

Neste livro, a grande dama da literatura brasileira, Lygia Fagundes Telles, reúne contos de ficção inéditos e reminiscências da infância, relatos de viagens,

crônicas sobre a cidade de São Paulo e perfis de intelectuais brasileiros com quem conviveu. Alternando passado e presente, ficção e realidade, Lygia e sua prosa refinada são garantia de uma agradável e surpreendente leitura.

### **Pensamento do chão**

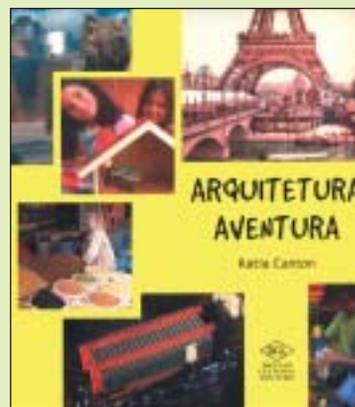
Viviane Mosé  
Editora Record, 2007

O apuro da linguagem, o lúdico e a depuração – forma de estabelecer um contato mais sensível com as palavras –, tudo isso está presente em *Pensamento do chão*, um longo poema tecido de poemas.

### **Arquitetura aventura**

Kátia Canton  
Editora DCL, 2007

Sabe aquela casa na árvore que você sempre sonhou ter? Ela tem tudo a ver com arquitetura. Sabe aquela cabana feita com lençóis e cadeiras, a casinha do cachorro, a casinha de bonecas? O livro mostra que, sem querer, se faz arquitetura brincando.



	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
<b>BandRio</b>							
14h-14h30	<b>Aventuras cariocas</b> <b>Acervo MULTIRIO</b> Tons e sons	<b>Br@nché</b> (língua francesa)  <b>Gerúndio e Cacófato</b>  <b>Tempo e clima</b>	<b>Nós da Escola</b>	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Pier Rivoltella, Bia Bedran, Gutí Fraga, Jorge Bodanski, entre outros	<b>Aqui no meu país</b>  <b>É tempo de diversão</b>  <b>As formas do invisível!</b>	9h-9h30  <b>Cara de Criança*</b> Programas infantis: Museu mutante Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda	<b>Ecce Homo</b> Expressão e organização das sociedades humanas
14h30-15h	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h <b>Crônicas da minha escola</b> Educação em vários países	
<b>Net - canal 14</b>							
7h30-8h	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Documentário especial</b> Brasil em movimento – A guerra civil (11) Assalto ao poder, parte 1 (18) Assalto ao poder, parte 2 (25)
8h-8h30	<b>Séries e documentários</b> O mundo secreto dos jardins	<b>Cara de Criança</b> Programas infantis: Museu mutante Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda Matilda	<b>Séries e documentários</b> Shakespeare: histórias animadas	<b>Ecce Homo</b> Expressão e organização das sociedades humanas	<b>Cantos do Rio</b> MPB	<b>Cara de Criança</b> Programas infantis: Museu mutante Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda Matilda	
8h30-9h	Aqui no meu país	<b>Séries e documentários</b> Contos de fadas poloneses Vamos brincar	<b>Séries e documentários*</b> Contos de fadas poloneses A rua do Zoo 64	<b>Viajantes da História</b>	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Pier Rivoltella, Bia Bedran, Gutí Fraga, Jorge Bodanski, entre outros	<b>Séries e documentários</b> Contos de fadas poloneses Vamos brincar	<b>Atletas do Rio</b> <b>Gerúndio e Cacófato</b> <b>Memórias cariocas</b> <b>Aventuras cariocas</b>
9h-9h30	Contos de fadas poloneses A rua do Zoo 64	<b>Como a arte moldou o mundo</b> Poder da imagem nas sociedades humanas	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: R. R. R. (Reduzir, Reutilizar e Reciclar), Beleza na cabeça, Celular, Jornalismo, Jongo	<b>Nós da Escola</b>	<b>Crônicas da minha escola</b> Educação em vários países	<b>Como a arte moldou o mundo</b> Poder da imagem nas sociedades humanas	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: R. R. R. (Reduzir, Reutilizar e Reciclar), Beleza na cabeça, Celular, Jornalismo, Jongo
9h30-10h	<b>Documentário especial</b> Brasil em movimento – A guerra civil (5) Assalto ao poder, parte 1 (12) Assalto ao poder, parte 2 (19) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (26)		<b>Aqui no meu país</b> Série sobre curiosidades culturais	<b>Shakespeare: histórias animadas</b> Clássicos literários adaptados para animação	<b>Viajantes da História</b> Série que faz um passeio pela História		<b>Nós da Escola</b>
10h-10h30		<b>Noah e Saskia</b> Série australiana	<b>Atletas do Rio</b> <b>Gerúndio e Cacófato</b> <b>Memórias cariocas</b> <b>Aventuras cariocas</b>	<b>Cantos do Rio</b> MPB	<b>O mundo secreto dos jardins</b> Série sobre os habitantes desse ambiente	<b>Noah e Saskia</b> Série australiana	<b>Cantos do Rio</b> MPB
10h30-11h	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO*</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO*</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Pier Rivoltella, Bia Bedran, Gutí Fraga, Jorge Bodanski, entre outros
11h-11h30	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar <b>Tempo e clima</b> Geografia física e meteorologia	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar <b>Tempo e clima</b> Geografia física e meteorologia	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar <b>Tempo e clima</b> Geografia física e meteorologia	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar <b>Tempo e clima</b> Geografia física e meteorologia	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar <b>Tempo e clima</b> Geografia física e meteorologia	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>O mundo secreto dos jardins</b> Série sobre os habitantes desse ambiente
<b>Net Educação</b>							
12h-12h30	<b>Reflets</b> Curso de francês <b>Gerúndio e Cacófato</b>	<b>Reflets</b> Curso de francês <b>As formas do invisível</b>	<b>Reflets</b> Curso de francês* <b>Gerúndio e Cacófato</b>	<b>Reflets</b> Curso de francês <b>As formas do invisível</b>	<b>Br@nché</b> (língua francesa) <b>Gerúndio e Cacófato</b>	<b>O Documentário Especial</b> deixa de ser exibido às quintas-feiras, no horário das 12h30, na programação da Net Educação. Em seu lugar entra a série <i>Aqui no meu país</i> , anteriormente programada para as sextas-feiras no mesmo horário	
12h30-13h	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Pier Rivoltella, Bia Bedran, Gutí Fraga, Jorge Bodanski, entre outros	<b>O mundo secreto dos jardins</b> Série sobre os habitantes desse ambiente	<b>Crônicas da minha escola</b> Educação em vários países	<b>Aqui no meu país</b> Série sobre curiosidades culturais	<b>Nós da Escola</b>		
13h-13h30	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas com temas variados		

# Faça sua busca no PORTAL MULTIRIO

Digite uma palavra-chave e tenha acesso a uma série de conteúdos criados especialmente para você, professor!

Busca no portal   



Política • Música • Artes • Plásticas • Família • Inclusão • Ciência • Escola • Leitura e Escrita • Esporte • História • Cidade • Saúde • M

tura e Escrita • Esporte • História • Cidade • Saúde • Multieducação • Política • Música • Artes • Plásticas • Família • Inclusão • Ciência

• Política • Música • Artes • Plásticas • Família • Inclusão • Ciência • Escola • Leitura e Escrita • Esporte • História • Cidade • Saúde

Plásticas • Família • Inclusão • Ciência • Escola • Leitura e Escrita • Esporte • História • Cidade • Saúde • Multieducação • Política • Mú

• Política • Música • Artes • Plásticas • Família • Inclusão • Ciência • Escola • Leitura e Escrita • Esporte • História • Cidade • Saúde • M



Presidentes do Brasil



Aquecimento global



A família dos Welles



A orquestra e seu funcionamento



O 13 de maio em questão



A instigante questão do tempo

Visite sempre [www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)

## NÓS DA ESCOLA

No próximo número:

